



Caroline Façanha dos Santos Mathias

Febre e suas dimensões:

Aproximações e travessias do signo febril.

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Rosana Kohl Bines

Rio de Janeiro
Março de 2019



CAROLINE FAÇANHA DOS SANTOS MATHIAS

Febre e suas dimensões: Aproximações e travessias do signo febril

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Rosana Kohl Bines

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Alexandre Montaury Baptista Coutinho

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Júlia Studart

Departamento de Letras – Unirio

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Caroline Façanha dos Santos Mathias

Bacharel em Literatura-Português pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Ficha Catalográfica

Mathias, Caroline Façanha dos Santos

Febre e suas dimensões: aproximações e travessias do signo febril / Caroline Façanha dos Santos Mathias; orientadora: Rosana Kohl Bines. – 2019.

90 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Febre. 3. Walter Benjamin. 4. Jonathan Crary. 5. Virginia Woolf. 6. Capitalismo tardio. I. Bines, Rosana Kohl. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo à espiritualidade e a Deus pelo amparo e pela oportunidade do estudo e da escrita como canais de entrada e saída, de cura e transformação.

Agradeço pela minha mãe, pelo incentivo para que isso fosse possível a mim.

Agradeço a meu pai, a quem dedico essa dissertação, pelo tempo que tivemos.

Agradeço à orientação atenta e cuidadosa de Rosana Bines, que deu ordem ao meu caos e me ensinou os primeiros passos dessa jornada acadêmica.

Agradeço à orientação segura e atenciosa de Kelvin Falcão em minha graduação, que segue ressoando ainda hoje.

Agradeço à PUC pelo Programa de Mestrado e ao CNPq pelo incentivo e ajuda durante todo meu segundo ano de estudo.

Agradeço a Alexandre Montauray, cujo entusiasmo nesta pesquisa fortificou-a quando eu já não acreditava em suas raízes.

Agradeço à Lara Leal, cuja interlocução sempre generosa e aguçada me fez recuperar o afeto pela pesquisa e pela pesquisadora.

Agradeço à Bruna Christine por ter sido um ponto de lucidez quando tudo era neblina e a Pedro Branco por me lembrar de abrir a janela e deixar um pouco de luz entrar.

Agradeço à Ana Carolina Carpintéro e Vanessa Marques, presentes da Puc que levarei para a vida toda e à Ayssa Norek por ter sido minha companhia de livros, escritos e risos de desespero.

Agradeço à Karla Japor pela motivação afetuosa e pelo vinho e à Sofia Karam pelas indicações de leitura e pelo café.

Agradeço aos amigos que ajudaram nessa jornada: Larissa Aragão, Amanda Albuquerque, Marcella Moraes, Júlia Vilhena e tantos outros que foram indispensáveis no curso de todo esse período.

Agradeço à Helena Martins, pelas aulas que sempre me tiravam do lugar e me faziam querer voltar.

Agradeço muitíssimo a Pedro Beja, pela revisão e pela paciência nos estágios finais desse estudo.

Agradeço a Jacques pela interlocução valiosa nos momentos de estudo.

Agradeço a todos os meus colegas de curso, que com estímulo mútuo fizeram dos corredores do Mestrado um ambiente mais acolhedor do que teria imaginado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

MATHIAS, Caroline Façanha dos Santos; BINES, Rosana Kohl (Orientadora). **Febre e suas dimensões: aproximações e travessias do signo febril**. Rio de Janeiro, 2019. 90p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir da proposição de Virginia Woolf em seu ensaio “Sobre estar doente”, a dissertação investe numa experiência de imersão na figura da febre em fragmentos, manifestações artísticas e teórico-críticas. Vozes como a do filósofo alemão Walter Benjamin e a do teórico estadunidense Jonathan Crary comparecem à pesquisa, nos convidando a uma dimensão específica da febre, ora morosa, ora efervescente; ora humana, ora maquinal; ora furiosa; ora amortecida. No âmbito do estudo, cabe se perguntar: que dimensões políticas poderiam ser mobilizadas a partir do estado do convalescente que observa o mundo de sua cama? Poderia tal ação oferecer um desconcerto à ordem utilitária e hegemônica que se instaurou como consequência direta do modelo econômico vigente? A dissertação endereça tais questões, ao introduzir uma nova qualidade de olhar, um estado que, mesmo em meio à ferocidade de informação e demanda do capitalismo tardio, possibilita um recuo das coisas do mundo para que os detalhes e os fragmentos, esquecidos debaixo da cama, se tornem visíveis mais uma vez.

Palavras-chave

Febre; Walter Benjamin; Jonathan Crary; Virginia Woolf; Capitalismo Tardio.

Abstract

MATHIAS, Caroline Façanha dos Santos; BINES, Rosana Kohl (Advisor). **Fever and its dimensions: approaching and crossing the feverish sign.** Rio de Janeiro, 2019. 90p. MSc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Having Virginia Woolf's proposition in her essay "On being ill" as a starting point, this dissertation focus on an immersive experience of the fever imagery lived by both artistic and theoretical critical manifestations. Theories from Walter Benjamin, the german philosopher, and Jonathan Crary, the north-american scholar, are present in this research, inviting us to a specific dimension of the fever, slow and effervescent; human and mechanical; infuriated and dampened. Regarding the study of this paper, it is necessary to ponder: what political dimensions could be mobilized from the state of convalescence of someone who observes the world from their bed? Could such action disturb the practical and hegemonic orders that have been installed as a direct consequence of the current economic model? This paper addresses these questions by introducing a new way of seeing things, a state in which, even among the ferocity of information demanded by late capitalism, allows a depart from the things of the world so the details and fragments, forgotten under the bed, may be seen once again.

Keywords

Fever; Walter Benjamin; Jonathan Crary; Virginia Woolf; Late Capitalism.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Dimensões Febris: ora morosa, ora efervescente.....	15
1.1. Dimensões Febris.....	15
1.1.1. Febre Via Walter Benjamin.....	15
1.1.2. Febre Via Fernando Pessoa.....	17
1.1.3. Febre Via Capitalismo Tardio.....	18
1.1.4. Febre Via Virginia Woolf.....	24
1.2. Contágio: pelas frestas de uma janela.....	30
1.2.1. (Sobre)vida em espaços fechados.....	35
1.2.2. Sobre ser neutro.....	38
1.2.3. Pelas frestas da janela: espaços-vagalume.....	40
1.2.4. Sobre a (in)capacidade de voar.....	42
1.2.5. Potência vagalume.....	43
2. Ora humana, ora maquinal.....	46
2.1. A marca de uma engrenagem.....	46
2.2. O dever ou o direito de uma embriaguez febril.....	56
3. Ora amortecida, ora furiosa.....	64
3.1. Convulsão Febril.....	64
3.2. Os ilhados e a colonização do imaginário.....	69
3.2.1. Depois da febre.....	74
3.3. Os enxames.....	77
4. Conclusão.....	82
4.1. Máquina e engrenagens.....	82
4.2. Desmonte.....	84
5. Referência Bibliográfica.....	88
5.2. Referência Audiovisual.....	90

Rio meu, 31 de janeiro de 2019.

P.,

Você costumava dizer que o amor não era um sentimento, que o amor era uma promessa e lembro de ter achado bonito quando disse isso. Lembro de ter achado poético, de ter achado inteligente e de ter desconsiderado em absoluto o custo que você teve pra escrever aquilo.

Não o custo de se por uma caneta sobre o papel e desenhar as letras. Que custo teria isso? Não, eu quis dizer o custo de se chegar até aquela conclusão. Não se chega a conclusões assim, imune. Hoje eu sei.

Porque a dor, a dor não é um estado de espírito. A dor é uma presença. Ela me faz companhia agora enquanto escrevo. Ela sempre está por perto quando escrevo. Sempre há um pouco de dor no ato de escrever.

Eu a chamo Maladie. Ela senta há duas cadeiras de mim. É silenciosa, mas se faz notar. Sempre consigo perceber quando Maladie está por perto. Posso não saber qual foi seu chamado exatamente, mas sempre consigo escutar sua presença.

Hoje eu quis te apresentar à Maladie. Você também deve possuir uma, embora eu não saiba como a chama exatamente. Ou se sequer tem nome. Sempre é uma boa ideia dar nome à dor. Arrancá-la desse sentimento de impessoalidade, de uma catástrofe agourenta qualquer que lhe visita sem motivo, deixando feridas. Foi difícil perdoar Maladie antes de ela possuir um nome.

Com um nome vestindo seu rosto é mais fácil perceber que Maladie não faz por mal, é na verdade apenas mais um trabalhador, como eu e você. Você e eu. Maladie sempre me aconselha a pensar nos outros primeiro. Isso já me deu um problemão. Exceto quando era mais acertado pensar em mim antes. Maladie às vezes surpreende. Tem coisas que parecem quase certas de serem um chamado, mas ela

não aparece. Às vezes vem seu primo distante, o Alívio. Outras vezes parece que a parenta mais requisitada da família, Dona Felicidade, vai chegar e que surpresa e decepção não é quando só Maladie aparece pra janta.

O que quero dizer é que não é culpa de Maladie. Ela não tem escolhas, na verdade, só atende a chamados. Daí aparece aqui, se senta numa cadeira e espera. Eu espero também. Eu espero muitas vezes Maladie passar e ir embora. Já esperei horas. Meses. Anos. Uma vez gritei com Maladie e ela não saiu. Outra, ameacei agredi-la. Lancei vasos, cadernetas, bilhetes de amor, livros e mais livros, tantas bolinhas de papel, travesseiros e poemas. Mas Maladie é implacável e só sai na hora certa.

Maladie também é esperta e, veja, ela me mostra uma porção de coisas. Na presença de Maladie descobri várias coisas de mim que não podia antes. Maladie pouco fala e nem sei se olha pra coisa alguma, pois seu olhar é opaco, perdido no vento. Quando ela está por perto, sou eu que começo a enxergar e escutar o que antes parecia inacessível, nebuloso. É como se ela, por caridade, me cedesse seus olhos e seus ouvidos.

Mas não sua boca. Maladie jamais cedeu sua boca. Não sei o que ela poderia falar se sáísse alguma coisa de lá. Agora que penso, percebo que jamais a ouvi falar. Pra surgir com seus conselhos, basta a sua presença.

Então hoje quando Maladie aparecer, vou fazer diferente. Não vou mais bater com a porta na sua cara. Ao invés disso, deixarei a porta aberta. Ela não arrastará mais os pés, entrará sem medo e se sentará com calma. Deixarei que ela desfrute de minha presença, enquanto desfruto da dela.

Como eu dizia a você lá no início, eu queria falar hoje do custo de se chegar até certas conclusões. Não se chega a conclusões assim, imune. Hoje eu sei. Sei que Maladie pode ser muitas coisas, mas nunca gratuita.

Mande notícias do Rio seu,

C.

Introdução

A patologia sempre me fascinou, desde os anos de graduação, quando estive a investigar pelas rotas incertas de uma menina que havia perdido a sua irmã gêmea nos confins dos fiordes islandeses, palco do livro de Valter Hugo Mãe, *A Desumanização* (2013), e me deparei com a melancolia. Mas não foi aquele conceito de melancolia, visto e analisado por Sigmund Freud em *Luto e Melancolia* (1917) que pavimentou o caminho da pesquisa. Apesar do trabalho se pautar principalmente nas correspondências da psicanálise com o processo de luto de Halldora numa gélida Islândia, o interesse esteve sempre menos ligado à patologia e mais ao sintoma que parecia emergir ao longo daquela jornada.

Quando a febre cruzou pelos corredores do Mestrado, e a proposta de um trabalho de fim de curso acabou por mudar a rota de meus planos para a dissertação, um processo semelhante deu início. O fragmento “Febre” de Walter Benjamin (publicado em *Infância Berlimense* por volta de 1900) surgiu como porta de entrada para essa pesquisa e o acesso febril do menino berlinense deu lugar a uma até então desconhecida qualidade de olhar, o olhar que o menino berlinense, em contágio com a febre, agora devolvia ao mundo.

Aquele olhar, ou aglutinação de sentidos, conforme Virginia Woolf falaria em seu ensaio “Sobre estar doente” me fez questionar se a febre, ou a patologia, poderia servir como porta de entrada para ainda outros caminhos e direções urgentes, essenciais que se descortinavam no horizonte.

A dimensão do capitalismo tardio surgiu sobre um acaso mesmo, um livro que caiu da estante e que nunca havia lido, pois comprara por impulso numa liquidação relâmpago de uma editora que ia fechar as portas. Ironia ou não, era o *24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono* (2014), do pesquisador estadunidense Jonathan Crary, que discute justamente a manipulação de massa, a era digital e o sono como refúgio final daquilo que mais tarde eu viria a entender como a colonização do imaginário.

No dia seguinte, ou dias depois, recordei um trecho belíssimo de Fernando Pessoa, de algum livro cujo nome me era impossível lembrar, em que ele comentava sobre a pressa febril dos tempos modernos e de nossa marcha infatigável a uma sequência de compromissos intermináveis que não raro nos escapava por completo a finalidade. Uma pressa febril que, pelo relato de Crary, apenas se intensificara conforme o desenvolvimento do modelo econômico.

As relações entre controle de tempo, signo febril e capitalismo tardio acenavam com intensidade também a partir daí, e o primeiro par de dimensões febris surgiu: morosa e efervescente. O primeiro capítulo foi composto deste mergulho, pela aproximação tanto de uma dimensão febril que falasse desse tempo de repouso e reflexão, como de uma dimensão febril que parecesse espelhar a velocidade efervescente dos tempos atuais. A aposta inicial era de que estivesse nessa qualidade de olhar a possibilidade de romper com o ritmo desenfreado dos dias de hoje.

No capítulo seguinte, outros pesquisadores do capitalismo tardio integraram o debate, como Christoph Türckle (2010) e Byung-Chul Han (2012). Além disso, o estudo sofreu um recuo, se tornando menos otimista, ao fazer um reconhecimento do quão eram sedutoras, e ainda são, as forças que patrocinavam esse ritmo desenfreado. Quão porosos se tornaram os limites entre dever e direito, entre escolha e obrigação na dinâmica do capitalismo tardio? A engrenagem da colonização do imaginário parecia girar ora pela dimensão maquinal, ora pela dimensão humana, se equilibrando num discurso em que os limites da eficiência maquinal se confundiam com os perfis de consumidores humanos que a tanto interessam a filosofia mercantilista do capitalismo tardio.

No último capítulo, adentramos no cenário distópico e a obra de George Orwell, *1984*, entrou em cena. As dimensões febris ora furiosas e ora amortecidas narraram as consequências do regime de engajamento ligado às mídias sociais no âmbito das aglomerações virtuais. A ira e a agressividade de uma sociedade, elementos fictícios da ficção de Orwell compareciam também como consequências do entorpecimento de sentidos relatado em *Sociedade Excitada* (2010). O movimento que mesclava a ficção distópica e a documentação de uma realidade vista pelos teóricos abordados pareciam apontar para a direção de um sintoma escondido.

Na monografia desenvolvida na graduação sobre o livro *A Desumanização* (2013), de Valter Hugo Mãe, o interesse se deu menos pela melancolia analisada num

viés patológico, e mais pelas observações do emergir do processo. No mestrado, o processo parecia se repetir. O estudo se deu menos pautado sobre a patologia da febre, e mais sobre o que ela evocava, a quem se dirigia, por que estava lá. Pensar na efervescência de um acamado em que verdades indesculpáveis saíam de seu repouso, libertas da caixa bem-comportada dos limites da saúde, era também perceber no signo febril uma estratégia. A febre enquanto espaço de um tempo contemplativo e reflexivo também nos fala das transformações sensoriais, corporais e perceptivas que derivam desse processo. E se debruçar sobre a dimensão temporal do capitalismo tardio foi perceber na febre um sintoma de humores que estão sempre prestes a eclodir. Este foi o recorte que me coube escolher para esta dissertação.

Contudo, quando elaborava essas considerações e tentava articulá-las na qualificação, elas ainda pareciam fazer bem pouco sentido para mim. Como se as estivesse ouvindo também ali pela primeira vez. E, além disso, parecia redutor e forçado admitir simplesmente que a patologia sempre me fascinou. Até encontrar no Dicionário de Gilles Deleuze que a patologia também o havia puxado pelo calcanhar:

O artista, em geral, deve tratar o mundo como um sintoma, e construir sua obra não como um terapeuta, mas, em todo caso, como um clínico. (...) O artista é sintomatologista [porque] é possível tratar o mundo como sintoma, nele busca os signos de doença, os signos de vida, de cura e de saúde. E uma reação violenta é, talvez, a grande saúde que chega. Nietzsche considera o filósofo como o médico da civilização (DELEUZE, 2010, p. 180-181).

Sacudir dos bolsos das memórias coletivas, fincar os olhos no chão para caçar as pegadas daquilo que parece ser um sintoma esquecido foi minha bússola para a confecção desse trabalho. E por mais que seja de meu firme interesse me afastar de uma lógica cirúrgica, binária e dicotômica entre saúde e doença, o retrato que Deleuze oferece representa muito bem esse desejo de caçar os signos febris e pintar um quadro, ainda que tímido, de um sintoma de nossa sociedade.

Lembro agora de algo que Júlia Studart mencionou em seu artigo “Imagem, deriva e dança” sobre uma entrevista de Georges Didi-Huberman. O filósofo, que em entrevista teria afirmado que “um dos conceitos mais importantes para o seu trabalho é o de *sintoma*” (STUDART, 2012, p. 71), parece ter como alvo não investigar as causas ou raízes advindas de um sintoma, mas se deter na procura do próprio sintoma. E neste sentido, o alvo do estudo segue por rotas semelhantes. Para Didi-Huberman,

“o que interessa, é, de fato, o que acontece entre o mundo dos signos e o mundo do corpo” (STUDART, 2012, p. 71). Ao elencar o signo febril como ponto de partida para uma investigação sintomatológica de diferentes ordens de vida, a travessia entre o mundo dos signos e o mundo do corpo se deu de forma orgânica.

Como Studart pontua, o “sintoma é um conceito semiótico – fala do sentido –, mas também é corporal” (STUDART, 2012, p. 71), e um gesto seria um movimento do corpo que se encontra investido de certa capacidade de significado ou de expressão. A febre, neste sentido, seja assumindo a forma da doença do acamado ou de um modo particular de se relacionar com o tempo, parece atravessar esses dois âmbitos.

A pesquisa poderia ter nascido apenas de uma pergunta dupla que, no entanto, abre portas para múltiplas respostas, saídas e desfechos: a que modos de vida remetem os signos febris aqui perseguidos e o que esses signos febris parecem sussurrar pelos rastros deixados em suas pegadas?

1

Dimensões febris: ora morosa, ora efervescente

1.1.

Dimensões febris

1.1.1.

Febre via Walter Benjamin

Os olhos colados na vidraça, o menino berlinense aguarda a chegada da mãe. Hoje ele teve um dia cheio. Se ocupou das almofadas. A mãe não tarda a chegar. Ela não viria, mas hoje ela vem.

A febre é um acontecimento. A febre é uma ameaça. Ela precisa ser sanada. Com urgência.

Walter Benjamin, em seu fragmento “Febre”, destaca a reorganização do ambiente na doença e o prazer da espera, tais características parecem acompanhar essa lentidão corajosa e caminham na contramão do ritmo da vida utilitária, que excluiria a existência de toda e qualquer circunstância que interrompa a linearidade apressada, marca de um capitalismo ainda nascente. Uma impressão que se destaca é a paciência com que o narrador trata a enfermidade:

A cada vez que uma doença se anunciava, eu aprendia sempre uma coisa: que o infortúnio tinha artes, seguras, delicadas e hábeis, de se chegar até a mim. Nada de espetacularidades. Tudo começava com umas manchas na pele, uma má disposição. Era como se a doença estivesse acostumada a esperar até que o médico lhe preparasse os aposentos. (BENJAMIN, 2013, p. 87).

Ilustrar a doença – e neste caso, mais especificamente, a febre – como a força motriz de uma reordenação de afetos, de uma reorganização de ambientes, ainda que nascida de sutil movimento traça aqui o início de uma trajetória. Pois em sua visita, discreta e silenciosa, a febre nos convida, da sua chegada até a “última saudação na caderneta de notas”, a um tempo outro e seu rastro, longe de parecer horas “monótonas e cinzas”, apresenta “a imagem viva de uma longa fila de condecorações” (BENJAMIN, 2013, p. 89) que põe em xeque os pilares de uma ordem de vida utilitária a qual estaríamos todos, o menino berlinense e nós ainda hoje, tão acostumados.

Ao reagir com notável indiferença à recomendação do médico de “proibir de ler”, o menino alega ter “coisas mais importantes a fazer” como, por exemplo, “medir a distância da cama até a porta”. O que o movimento instaura aqui, além de rever a reorganização do espaço doméstico, é a possibilidade de pensar o tempo, a textura das horas, recuado de certos limites e demandas de ordem produtivista, naturais ao capitalismo nascente.

A febre, desse modo, configura-se como momento de pausa, o momento de “dedicar-me às minhas almofadas” (BENJAMIN, 2013, p. 89), precisamente à recusa do tempo produtivista da aceleração da vida cotidiana. Ao furtar o menino berlinense do lugar da dimensão corriqueira com sua habitual pressa, emerge uma hipótese: “Talvez a doença, afinal, não me roubasse nada a não ser aquele jogo ansioso e silencioso, sempre associado para mim a um secreto medo – precursor de um outro, que mais tarde, acompanharia um jogo idêntico num idêntico limiar da noite” (BENJAMIN, 2013, p.88).

Desta hipótese, lanço outra: Que voz é essa que evoca a preparação de um jogo posterior? É a mesma que joga, no fundo de um quarto, ou é a voz que prepara o menino berlinense para outro jogo ansioso e silencioso, que lhe será apresentado muito em breve? Seria a mesma voz que, no limiar da infância construída e na linha da crítica social, nos fala dos “verdadeiros adultos”?

[...] o bater dos tapetes que era que era o idioma das classes baixas, o verdadeiro adulto que nunca parava, não largava o trabalho, por vezes abrandava e se dispunha a tudo, indolente e amortecido, e outras, caía num galope inexplicável, como se lá em baixo todos se apressassem para não apanhar chuva (BENJAMIN, 2013, p. 91).

O passo irrefreável, conforme Benjamin nos fala, e a pressa inexplicável pontuam uma distância entre o menino berlinense e este “verdadeiro” adulto. A hipótese aqui é a de que o fazer da febre, mais que separar a distância de uma cama até a porta do quarto, também anota, ao alterar a percepção e produzir uma escuta mais sensível, a distância entre esse menino acamado e a vida desses trabalhadores incansáveis que batem os tapetes. Pois há também no movimento da febre uma dimensão política, por trás do mergulho imersivo aos detalhes de um quarto burguês de Berlim. Uma dúvida que repousa na soleira do quarto retorna: será que se o menino não estivesse acamado seria a ele possível prestar atenção nesses

trabalhadores? Além de revelar camadas de almofadas, o fazer da febre também revela as camadas sociais, que sob sutil movimento, se entrevê por baixo das cortinas.

No momento em que é permitido ao menino entrar em contato com um tempo outro e acessar outra instância da percepção, o tempo do galope inexplicável parece entrar em suspensão, não apenas para uma incursão pela mobília de um cômodo burguês, mas por certas instâncias da comodidade burguesa: “A doença tinha de vir, para eu poder ficar de consciência limpa” (BENJAMIN, 2013, p. 88). Ao resgatar o fragmento, a aposta é de que se abra um portal de acesso, pois a febre a partir de Benjamin parece nos estender um convite ao devaneio e nos oferece a possibilidade de um novo lugar, moroso e amortecido, que recorda – e resgata – outros tempos.

1.1.2.

Febre via Fernando Pessoa

Movemo-nos muito rapidamente de um ponto onde nada se faz para outro onde não há nada que fazer, e chamamos a isto a pressa febril da vida moderna (PESSOA, 2001).

Fernando Pessoa comparece de forma mais frontal à pesquisa apenas no segundo capítulo, quando a discussão se concentra pelas dimensões humanas e maquinais do signo febril. Contudo, é necessário fazer uma pequena intervenção neste momento ao seu texto em que documenta a acentuada mudança que a ordem de vida dos grandes centros urbanos promoveu à nossa percepção sobre o tempo.

Por se tratar de uma imagem bastante atual e por prever com nitidez alguns dos paradigmas e dilemas que entrariam em cena no pensamento do capitalismo tardio¹, a inserção desta passagem de Fernando Pessoa, em seu livro *Heróstato e a busca da Imortalidade* (2001) chega em boa hora. O intuito, ao incluir essa voz inesperada para se juntar ao estudo, está menos em estudar a mortalidade enquanto celebridade póstuma ou investigar suas manifestações na sobrevivência na história, e mais em trazer para o debate uma nova dimensão da febre.

¹ Trata-se de um conceito utilizado por neomarxistas para definir o período deste modelo econômico a partir do ano de 1945, período em que “Era de Ouro do Capitalismo”, embora este conceito seja controverso. Para a pesquisa, no entanto, estamos falando de estudiosos do Capitalismo atual, inserido no que chamamos de era digital/era midiática, que pressupõe a grande influência que as mídias digitais aferiram na própria atuação deste modelo econômico.

Essa nova dimensão, esse novo conceito de febre em nada se assemelha à enfermidade que Benjamin se referia em seu conto. Está mais próximo, sobretudo, do “galope inexplicável” dito por Benjamin, enquanto consequência de toda uma reorganização de sentidos à qual as cidades foram submetidas pelo novo modo de trabalho, consolidado a partir do século XIX. Longe de ser um novo fenômeno, apenas se mostra como acentuação do mesmo, já denunciado por Benjamin em *Infância Berlinense* (1900).

O nome, que já permite entrever o que vem pela frente, “A pressa febril da vida moderna”: “Não é a febre da pressa, mas sim a pressa da febre. A vida moderna é um lazer agitado, uma fuga ao movimento ordenado por meio da agitação” (PESSOA, 2001). Daqui para frente, será possível notar como a ideia da febre da pressa de Pessoa fornece um retrato fiel tanto do “galope inexplicável” dos adultos no conto de Benjamin quanto do fenômeno estudado nos discursos sobre o capitalismo tardio.

1.1.3. Febre via Capitalismo Tardio

Na época do capitalismo nascente, a febre de Benjamin sugere uma abertura ao tempo do devaneio que rivaliza com o tempo comprometido com a ideia de progresso que o filósofo alemão tanto critica² em suas *Teses sobre o conceito de História* (1940). A marcha infatigável pelo progresso, com sua indiferença categórica a todo fator que inviabilize o desenvolvimento econômico, se repete nos estudos sobre o capitalismo tardio, e parece ganhar novos espaços, conforme Jonathan Crary documenta a ocupação de lugares tidos antes como invioláveis, através da instrumentalização do tempo.

Em seu livro *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2014), ele nos

² O anjo da história em desacordo com a ideologia progressista, que parece ignorar as ruínas que patrocinam a sua narrativa gloriosa de vitória: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se a suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso” (Benjamin, 1985, p. 226).

apresenta o estudo intensivo que o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, entre os anos de 2009 e 2014, dedicou ao pardal de coroa branca.

O objetivo era recriar nos combatentes a habilidade do animal de permanecer acordado por até sete dias. É preciso pontuar que tal dinâmica espelha o estado de permanente vigília que acomete os grandes centros urbanos. O autor declara que apesar de centros comerciais, “atuando em regime de 24/7 – 24 horas por sete dias na semana e infraestrutura global para o trabalho e o consumo”, existirem há considerável curso de tempo, “agora é o homem que está sendo usado de cobaia para o perfeito funcionamento da engrenagem” (CRARY, 2014, p. 13). Sua tarefa, enquanto teórico, não está apenas em documentar as recentes pesquisas e empreitadas com o intuito de otimizar a performance do indivíduos em regimes de demandas cada vez mais urgentes, mas também deflagrar os efeitos dessas mobilizações.

A atualização do debate de tempos febris inserida no livro de Crary resvala pelos sintomas e consequências da transformação dos meios de produção e alerta que a forma como o homem contemporâneo se relaciona com o tempo atualmente, privilegiando a produção e a demanda insaciável cria também, em seu turno, sua própria cota de ruínas que não se acumula de forma gratuita. Ao propor diagnóstico e prognóstico sobre os desafios da dinâmica da relação do indivíduo com o tempo em face de uma demanda cada vez mais produtivista, a fala de Crary se faz enérgica:

Lukács e outros no início do século XX identificaram como o tempo vazio e homogêneo da modernidade, o tempo do calendário ou linear dos países, do mercado financeiro ou da indústria, do qual tanto a esperança como os projetos individuais estavam excluídos. A novidade está na renúncia absoluta à pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo prazo, inclusive fantasias de “progresso” ou desenvolvimento. Um mundo sem sombras, iluminado 24/7, é a miragem capitalista final da pós-história - do exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica (CRARY, 2014, p. 18-19).

Há diversos elementos contidos na citação acima que vão comparecer ao longo da pesquisa: o risco do exorcismo da alteridade e sua importância para mudanças históricas, o pedido para uma renúncia absoluta no gerenciamento do tempo e a força de uma narrativa para implementar ordens de pensamento. E embora exista um excedente apocalíptico no tom enérgico adotado por Crary em seu prognóstico sombrio (ou talvez fatal em sua luminosidade), há aqui também uma pista valiosa à pesquisa na qual vale se deter: a ideia de que por trás da problemática

dinâmica ao uso do tempo se esconde não uma ameaça de catástrofe, mas a promessa de uma fantasia convincente de “progresso”.

O impulso libidinoso adquire papel fundamental em nossa análise sobre os tempos febris do capitalismo tardio, em que é o desejo, e não o medo, o principal patrocinador da filosofia mercantilista atual. Meu objetivo neste momento é encontrar e debater as formas pelas quais o discurso do desejo pode ser utilizado de modo a mascarar os limites de obrigação e escolha, dever e direito, vontade e manipulação de fatos.

Outros pesquisadores atentos ao capitalismo tardio chamam atenção para ainda outro conceito levantado por Crary: o do exorcismo da alteridade e os sutis caminhos que invisibilizariam o espaço do outro, especialmente nas organizações coletivas. No caso de Crary, o alvo de sua pesquisa é o sono, em sua chave negativa e impermeável. O sono, que mesmo em ambiente 24/7, conserva-se incompatível às demandas capitalistas a partir de sua natureza não colonizável:

A maior parte das necessidades aparentemente irredutíveis da vida humana – fome, sede, desejo sexual e, recentemente, a necessidade de amizade – se transformou em mercadoria ou investimento. O sono afirma a necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado (CRARY, 2014, p. 20).

Embora haja exceções desta assimilação absoluta orquestrada pela ordem de vida 24/7, o pesquisador levanta um ponto relevante ao defender a ideia de que a colonização das necessidades humanas incorporadas a uma dimensão do desejo e monetizadas enquanto mercadoria funciona como engrenagem da máquina capitalista. Nesse sentido, me interessa pensar como a dominação ideológica lança sua rede sobre terrenos antes invioláveis, como é também o caso do sono. Aliás, como especialmente é o caso do sono, uma vez que não podendo ser “submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade”, angariou para si a qualidade de “inútil”, numa “verdade chocante, inconcebível, [em que] que nenhum valor pode ser extraído” dele (CRARY, 2014, p. 20).

Se a teoria de Crary se ampara no ataque a estratégias de monetização das necessidades humanas, optar pelo sono para um começo de partida é uma jogada de boa pontaria, na medida em que nos obriga a lidar com um processo que não se baseia em demandas e trocas econômicas: “em sua profunda inutilidade e intrínseca passividade, com perdas incalculáveis para o tempo produtivo, a circulação e o

consumo, o sono estará sempre a contrapelo³ das demandas de um universo 24/7” (CRARY, 2014, p. 20). Vale se perguntar aqui, no que tange à inutilidade do sono: a quem o sono não é útil? E talvez a verdadeira pergunta a ser feita agora seja: a quem o sono poderia ser?

Cristoph Türckle é outro teórico do capitalismo tardio que narra em seu livro *Sociedade Excitada* (2010) alguns dos sintomas de tempos febris. “A efervescência geral não diminuiu” (TÜRCKLE, 2010, p. 10), é o que comenta sobre a perspectiva trazida pela revolução industrial sobre uma nova época, em que as pessoas deveriam agir coletivamente de forma solidária e produtiva, entrelaçadas numa espécie de engrenagem maquinal. Em outro momento, é a violação do descanso que está em jogo: “Eles [os repórteres, redatores, entretenedores, canais e veículos de comunicação] não permitem que ninguém que deseje permanecer no mercado descanse” (TÜRCKLE, 2010, p. 13).

Embora Crary e Türckle concordem no prognóstico da pressa febril dos tempos imersos no capitalismo tardio, conflitam suas visões no momento do diagnóstico. Crary recomenda a deserção como resposta viável ao momento. Em entrevista⁴ concedida ao jornalista Lucas Mendes para o programa Milênio, o intelectual comenta sobre as armas para enfrentar as ciladas do capitalismo tardio enquanto Türckle se mostra cético. Diante uma corrente tão vigorosa de demandas mercantilistas, Türckle lança o questionamento acerca da possibilidade real do indivíduo propor uma negação ao sistema imposto.

Mas diante dos desafios propostos pelo capitalismo tardio, em meio a uma febre entorpecida de uma luminosidade que nunca vai dormir, qual é o limite da liberdade que cada um tem sobre si para nadar contra essa correnteza? Em que ponto os limites entre refém e cúmplice de uma ordem de vida se tornam turvos? “Cada um é aproximadamente tão livre para não participar quanto Odisseu era para não sucumbir ao canto das sereias”, afirma Türckle. Posteriormente, ainda elucida:

Segundo Homero, ele só o conseguiu porque se fez atar ao mastro de seu navio

³ Notemos aqui a influência que o pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin teve sobre a pesquisa do teórico estadunidense Jonathan Crary.

⁴ Disponível em <https://www.conjur.com.br/2015-set-23/jonathan-crary-devaneios-sao-resistencias-imperio-atencao>

enquanto seus companheiros remavam, com os ouvidos tapados, pelos rochedos das sereias. Mas como seria possível fazer parar uma correnteza que atua 24 horas por dia, que não deixa que se reme contra ela e que constantemente põe a questão silenciosa sobre se seria possível de fato suportar um desligamento do fluxo geral de informação, uma estagnação profissional, uma desolação da alma ou o desemprego, apenas para opor sua força de atração? Para quê? (TÜRCKLE, 2010, p. 10).

Aqui retornamos à questão da colonização das necessidades humanas e de como o discurso do desejo patrocina tal cenário do capitalismo tardio. Se aceitarmos o convite de Türckle e fizermos uma breve visita à *Odisseia*, poderemos lembrar que no Canto XII, Ulisses é acorrentado no mastro do navio para que consiga ouvir o canto das sereias sem se afogar:

Vem, ó ilustre Odisseu, grande glória dos Aqueus. Para teu navio a fim de escutar nossa voz. Nenhum homem a bordo de sua nave negra passa por nossa ilha sem escutar nossa doce voz; então ele vai embora, cheio de gozo, e sabendo muitas coisas (HOMERO, 1998, Canto XII).

Jean-Michel Vivès, em seu artigo “O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional” (2009), comenta a difícil relação entre o sujeito e o limite de seus desejos:

O que realmente importa no texto é que as sereias são apenas vozes que exprimem em suas vocalizações vociferantes um desejo absoluto no que diz respeito ao sujeito. O que essas vozes transmitem é uma promessa de gozo e de saber absoluto (VIVÈS, 2009, p. 68).

Em que medida o impulso libidinoso e a colonização dos desejos e necessidades humanas podem ser utilizados, conforme dito por Türckle (2010), como engrenagem de controle da máquina capitalista? Se levarmos em consideração que, assim como na *Odisseia*, a voz da sereia é mortífera, isso se deve ao fato de que “a relação com a lei é salutar ao desejo humano na medida em que permite a corrida desejante de prosseguir, sem perder as ilusões reunidas” (VIVÈS, 2009, p. 68).

A criação de uma utopia possível e atraente pelo capitalismo tardio se constitui a partir do momento em que parece ecoar os próprios desejos dos indivíduos, que agora se misturam com os desejos do modelo econômico. Ainda segundo Vivès,

[...] como o homem não pode se acomodar totalmente a essa lógica da renúncia,

ele é sempre tentado por essa voz de gozo que o convida a reviver o arcaico, esse tempo mítico em que o desejo ainda não tinha sido atualizado (VIVÈS, 2009, p.68).

O que tanto Crary quanto Türcle parecem observar é a impossibilidade de se desembaraçar dos mecanismos e promessas feitos pelos dispositivos do modelo econômico. Neste momento, o tom apocalíptico retorna em cena, mas é relevante esclarecer que a pesquisa não se compromete a uma aderência absoluta dessas teorias, embora identifique nelas uma chave de interpretação aos desafios que o capitalismo tardio nos propõe.

Em relação à analogia aqui feita, voltamos à relação entre a imagem do canto da sereia, emprestada da *Odisseia*, e a defesa da teoria de Türcle. Assim como o canto das sereias comparece com a projeção das vontades e desejos de quem a escuta, podemos nos aproximar da problemática vital do tempo febril ao analisar quão complexo seria renunciar por completo este convite ao modo de vida efervescente. Se o canto da sereia afeta o ouvinte na medida em que reflete a natureza de seus próprios desejos, quais são os desejos colonizados nos dispositivos da era digital? Como estes desejos fariam da renúncia um desafio hercúleo?

No filme “Capitalismo: uma história de amor”⁵ podemos observar essa urgência de se desembaraçar das promessa geradas pelo modelo econômico. Promessas responsáveis por patrocinar que 95% da população americana aceitem a chance de esperar pela oportunidade de um dia quando será a sua vez de ocupar os 5% que detém do poder aquisitivo.

Na esfera da colonização do imaginário, nada-se em direção ao sonho americano, numa pressa febril, no afã de se chegar a uma utopia paradisíaca. Chega-se, ao que parece, a um cenário distópico. A linha que separa um refém de um cúmplice talvez nos ajude a pensar em estratégias para se adquirir clareza e lucidez ao letal “canto das sereias”.

Trata-se de um embate na esfera dos desejos. Para que o canto da sereia diminua sua influência, é necessário que a imaginação, ainda colonizada pelas demandas de mercantilização, volte a ser ocupada por outros desejos e afetos. Para isso, o prognóstico de Crary está menos ligado a estratégias de confronto e

⁵ Direção: Michael Moore, 2009, Canadá.

enfrentamento e mais em manobras de evasão para lidar com a colonização dos afetos.

Se estivermos lidando, não com o canto das sereias que não cessa em soar, mas em uma luminosidade que nunca está disposta a partir, será que como Ulisses na *Odisseia*, nos bastaria colar cera nos ouvidos? Se é o excesso de luz que nos cega as vistas, bastará que cerremos os olhos e nos retiremos? Bastará, na dimensão febril do capitalismo tardio, a espera que, eventualmente, a temperatura abaixe e a doença vá embora, silenciosa como chegou?

1.1.4.

Febre via Virginia Woolf

Seguindo uma rota semelhante à de Benjamin, Virginia Woolf também esboça a figura não apenas da febre, mas da doença numa chave epifânica: “Que prados e precipícios salpicados de flores latejantes um pequeno aumento de temperatura faz ver?” (WOOLF, 2014, p. 184). Em sua chave de leitura da febre, nos deparamos com uma dinâmica quase cúmplice daquela encontrada por Benjamin.

A escritora e ensaísta defende, a partir de exemplos de casos literários, a modificação espiritual que a doença oferece aos pacientes proporcionando acesso a um inédito momento de lucidez e clarão: “Há sim, confessemos logo (e a doença é um grande confessor), uma infantil franqueza na doença; verdades escapam, dizem-se coisas que a cautelosa respeitabilidade da saúde esconde” (WOOLF, 2014, p. 190). Abre-se, então, um novo espaço, uma dimensão antes indisponível nos limites da respeitável saúde.

Nessa descoberta daquilo que escapa à vida cotidiana, Woolf investe contra a já bem conhecida dicotomia saúde-doença, ao salientar que:

[...] com saúde o jovial fingimento deve ser mantido e o esforço renovado - comunicar, civilizar, compartilhar, cultivar o deserto, instruir o nativo, trabalhar juntos de dia e divertir-se à noite. Na doença esse faz de conta acaba (WOOLF, 2014, p. 191).

Mais uma vez, a qualidade franca da doença se mostra como valor de enfrentamento. Tal como o menino berlinense em Benjamin, que adquiriu com a

febre uma aglutinação de sentidos, a doença aqui defendida por Woolf oferece uma rara oportunidade: a chance de desnudar-se, a habilidade de despir-se de máscaras sociais e tomar emprestado do estado convalescente outra qualidade de olhar. Um estado em que “imediatamente a cama entra em cena ou, afundados numa poltrona entre almofadas, levantamos os pés um pouco acima do chão, deixamos de ser soldados do exército dos apumados; tornamo-nos desertores” (WOOLF, 2014, p. 191).

E se estamos falando sobre deserção, vale a pena mencionar o apelo de Crary em entrevista, que parece ecoar a consciência de que o embate de forças em meio à expansão midiática é travado numa arena não meramente física, mas virtual: “[a prática do sonho e do devaneio] está em enxergar a possibilidade de que pode haver outras partes de nossa vida, fora das demandas de comercialização, de mercantilização e de privatização” (CRARY, 2015). É claro que haveria de se perguntar também o quanto do próprio devaneio já não está colonizado por ideias de felicidade produzidas pelo capitalismo mercantilista.

E se Crary, por um lado, aponta para a necessidade do ócio criativo e o resgate à imaginação como armas de luta contra as consequências do modelo econômico, por outro nos alerta que tais brechas estão cada vez mais escassas. De acordo com seu prognóstico de temperatura elevada, os “efeitos da dominação penetraram a existência individual com nova intensidade e abrangência” (CRARY, 2014, p. 109), uma vez que as sociedades de consumo do Ocidente se tornam um espetáculo global integrado, ocupando áreas e departamentos da existência de constituição do indivíduo.

Diante do desafio, volto a recorrer à esfera da doença, visitada por Woolf, no movimento político que se esconde na figura do acamado que adentra o grupo dos desertores, “com a responsabilidade em resguardo e o entendimento temporariamente inativo - pois quem há de esperar que um inválido faça críticas, ou exigir bom senso do acamado? – outras preferências se afirmam; súbitas, intensas, impulsivas” (WOOLF, 2014, p. 196). Estaria no latejar dessa vida esquecida, em meio às obrigações da agenda cotidiana, saídas para o prognóstico de Crary?

Retorno à Woolf: “Considerando como a doença é comum, que enorme é a alteração espiritual que ela provoca, como são surpreendentes, quando as luzes da saúde estão fracas, as terras ainda não descobertas que então se revelam” (WOOLF,

2014, p. 184). Quando as luzes da saúde estão fracas, seria possível um acesso – nos dois sentidos da palavra – a um lugar outro, terrenos até então não revelados, esferas não percorridas, dimensões outras, inacessíveis. Quando as luzes da saúde estão fracas...

Mas hoje, como nos diz Crary, há um projeto. O projeto de impor ao corpo humano um modelo de máquina eficaz e resistente. Um projeto que passa pelos interesses das Forças Armadas, da agressiva campanha de marketing das empresas farmacêuticas e também de consórcios espaciais que pretendem utilizar a máxima: “luz do dia a noite toda”. Quando as luzes da saúde estão fracas, dizia Woolf, mas quando hoje, em meio ao capitalismo tardio, as luzes estão fracas?

Anexo da pouca luz

I

*dedos que esmagam as teclas de um computador
tentam alcançar
algo que me vem quando fecho os olhos
são o único veículo que possuo pra te mostrar
tudo isso*

*dedos que esmagam as teclas de um computador
estão sempre longe.*

II

*a embriaguez de um
delírio de um mundo às
avessas Se abriu
&
O velho mundo
colide em
tudo isso que agora brota de florestas com árvores
escuras tudo que atravessa
tudo me atravessa
mas me disseram que preciso continuar
marchando me disseram para acelerar o passo
e não retroceder

é que eu não sei marchar
como saudáveis soldadinhos de
chumbo. é, veja,
eu não sei marchar
então eu danço.*

mas é que eu também não sei dançar.

III

*e se olho para trás
já não sei o que estou vendo.*

*a verdade é que só sei enxergar de olhos bem fechados.
a embriaguez de um delírio é o único tipo de lucidez que
disponho. sempre foi tudo uma questão de opinião?*

sou eu que estou de ponta

*cabeças ou é o mundo que
está...?
dançando com os galhos de uma ou duas árvores escuras
numa madrugada sem estrelas.*

*eu queria te mostrar tudo isso.
eu queria tanto que você pudesse ver
também. eu nem sei se isso é verdade.*

*li num livro:
talvez tudo seja sempre uma questão de
percepção.*

IV

*resta saber:
estou de ponta
cabeça
ou é o mundo que está..?*

*o avesso do mundo me mostrou a embriaguez de um
delírio. e eu queria tanto te mostrar*

...

V

*mas como
narrar o que
escapa
quando os olhos se abrem?
meus dedos que já se cansam de bater nessas
teclas e em todo caso,
o lado de dentro dos olhos vão sempre além.*

VI

*como agarrar isso que escapa por entre as
unhas. como narrar o que sempre escapa.
como errar o
alvo de
propósito.*

*essas coisas são sempre muito difíceis quando a gente
tenta. talvez fosse melhor
errar*

*inadvertida. e
sem querer,
me ver
perdida.
errar de
surpresa. errar
sem a certeza de
um erro.
mesmo porque,
errar de propósito sempre requer uma boa pontaria.*

1.2.

Contágio: pelas frestas de uma janela

Não sei se a internet é o futuro, mas foi o meu
(Medianeras, 2011).

Durante nossa visita pela dimensão febril do capitalismo tardio, Crary lançou sua defesa a um resgate à imaginação e à própria subjetividade como meio para se enfrentar os aspectos mais turbulentos de um ritmo efervescente, um ritmo que não permitiria uma pausa nem descanso para que esses movimentos sejam feitos.

Há um filme que toca nessa discussão ao narrar os atravessamentos de dois jovens num grande centro urbano, tomados pelos principais efeitos que Crary e Türkler apontam em suas pesquisas. Nesse sentido, convido a um breve mergulho pelas frestas da janela de *Medianeras*⁶, uma produção argentina do diretor Gustavo Taretto.

A obra cinematográfica propõe uma reflexão em torno da problemática do homem contemporâneo, entregue ao ritmo acelerado da metrópole e atravessado por entrecruzamentos de tempos, espaços e dimensões. Somos levados a percorrer os encontros e desencontros de um casal que não se conhece: Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala). Eles dividem fobias, a solidão e até mesmo o endereço de rua. A companheira atual de Martín é a cachorra deixada por sua ex-namorada. O companheiro atual de Mariana é um manequim, com quem conversa, dá banho e eventualmente faz sexo. Apesar disso, a maior parte do filme se conserva desse modo: ambos protagonistas anônimos entre si, estando por vezes nos mesmos lugares e, no entanto, sem se encontrar. Tal circunstância configura-se em um ambiente de tensão que é gradualmente construído até o momento do embate.

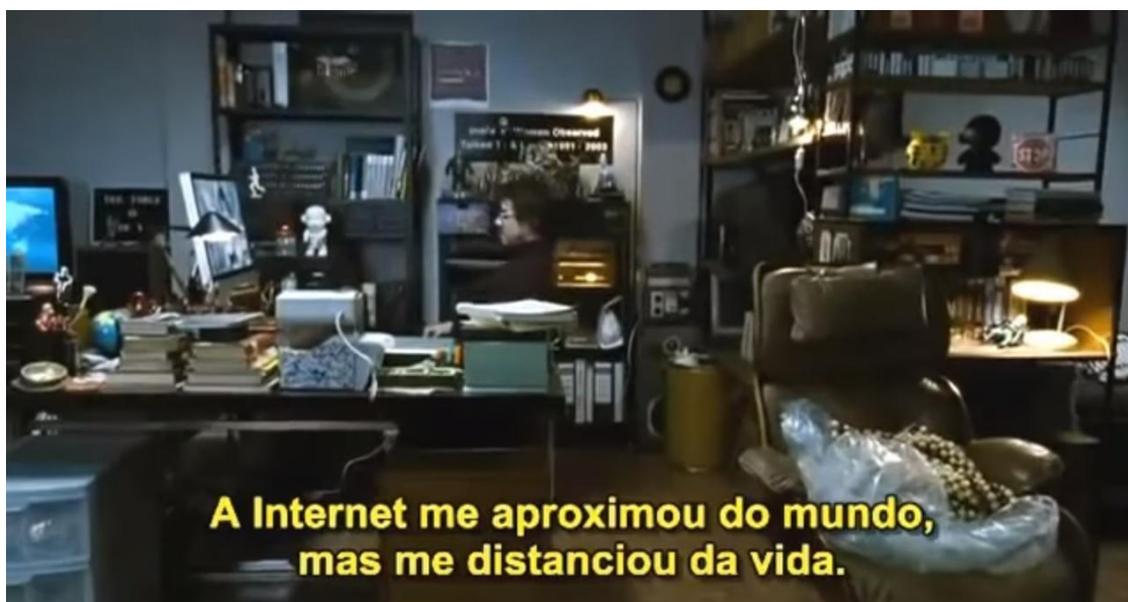
Medianeras apresenta Buenos Aires sob a forma de cenário cinzento, pela ótica dos edifícios e construções da cidade. Enquanto as imagens correm, a voz de Martín inicia o percurso da trama:

⁶ Direção: Gustavo Taretto, 2011, Argentina.

Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita. É uma cidade superpovoadada num país deserto. Uma cidade onde se erguem milhares e milhares de prédios sem nenhum critério. Ao lado de um alto, há um muito baixo. Ao lado de um racionalista, há um irracionalista. Ao lado de um em estilo francês, há um sem estilo (MEDIANERAS, 2011).

É justamente tal natureza de choque entre semelhantes e diferentes a se apresentar logo no início do filme que traçará toda problemática do homem contemporâneo, explorada na trama. Em um primeiro momento, o filme denuncia o caráter destrutivo dos entrecruzamentos de espaços físicos e midiáticos, enfatizando a forma violenta como tais locais virtuais ocuparam, quase sorrateiramente, grande parcela da existência do homem contemporâneo. “Há mais de dez anos sentei em frente ao computador e tenho a sensação de que nunca mais me levantarei” (MEDIANERAS, 2011), diz Martín logo nos primeiros cinco minutos de filme.

Martín, um *web designer* e fóbico em recuperação, após sucessivos ataques de pânico, permanece recluso em casa por dois anos. Se o filme é competente em mostrar que há uma espécie de segunda existência em curso dentro das telas, também se mostra igualmente competente ao abarcar os danos da prática:



[Fig. 1. Martín em seu apartamento. Fonte: *Medianeras*, 2011]

Ao falar dos danos desse entrecruzamento de espaços físicos e midiáticos, Crary chama atenção no momento em que o aparelho televisivo em sua ferocidade de informações, cor e brilho é desligado: “Há, inevitavelmente, um breve átimo *antes* que o mundo se recomponha por completo em sua familiaridade impensada e invisível” (CRARY, 2014, p. 98).

Trata-se de um encontro de dois mundos: o brilho midiático em choque com a realidade física. Entre esse intervalo há um período de readaptação em que a natureza artificial se desintegra e a febre da velocidade de informação é substituída pela simples presença material:

É um momento de desorientação, durante o qual o ambiente que nos rodeia – por exemplo, uma sala e seus objetos – parece ao mesmo tempo vago e opressivo em sua materialidade desgastada pelo tempo, seu peso, sua vulnerabilidade ao estrago, mas também em sua resistência inflexível a desaparecer instantaneamente em um clique (CRARY, 2014, p. 98).

Jonathan Crary pontua acima tanto a efemeridade do virtual – que o põe em um local frágil – quanto a opacidade da realidade física. Com efeito, a pesquisa do autor se ocupa em elucidar como o mundo contemporâneo apresenta a ilusão de um tempo sem espera e no trecho em particular, entrevê o momento em que as cortinas se abrem, e o palco permanece vazio.

Ainda assim, há outro ponto que aqui me interessa mais: o momento em que o indivíduo não deseja acreditar que pertença a essa realidade física:

A experiência dessas transições só reforça nossa atração pelo primeiro estágio [o virtual] e amplifica a ilusão de que não temos nada a ver com a aparente ticanhez e insuficiência do mundo que compartilhamos (CRARY, 2014, p. 98).

Este desejo, este apelo e atração nos impulsos do indivíduo ainda será pauta de muitas discussões posteriores, mas por ora ficamos com a confusão deixada pela transição abrupta entre duas dimensões, sempre em contato, sempre em contágio.

Depois de Martín ficar dois anos trancado em casa, preso a uma realidade virtual, seu psiquiatra sugere, como tratamento para sua fobia da cidade, que o paciente tire fotos do que vê. Um modo do protagonista “redescobrir a cidade e as pessoas”, de procurar o “extra” no “ordinário”.



[Fig. 2. Foto por Martín. Fonte: *Medianeras*, 2011]

Maurice Blanchot comenta sobre o caráter mundano e extraordinário do cotidiano no décimo primeiro capítulo de seu livro *A conversa infinita 2: a experiência limite* (1986). O cotidiano, como nos fala Blanchot, ilustrado como “o que atrasa e o que retumba”, trata-se da “vida residual de que se enchem nossas latas de lixo e nossos cemitérios, rebotalhos e detritos” (BLANCHOT, 2017, p. 237).

O esforço de Martín, ao tirar suas fotos para vencer o medo urbano, também está no exercício de resgatar o extraordinário do mundano, é sua forma de “procurar a beleza, mesmo onde ela não existe” (MEDIANERAS, 2011). É possível traçar um paralelo aqui com a perspectiva do vagalume de Didi-Huberman (posteriormente apresentada), numa tentativa de fazer luz em meio às sombras: “algo se acende, surge como um clarão sobre os caminhos da banalidade... é o acaso, o grande instante, o milagre” (BLANCHOT, 2017, p. 240). No momento em que Martín se ocupa em achar esses instantes, novo entrecruzamento se dá, e já não estamos falando de uma perspectiva física em contato com a midiática, e sim das duas faces do cotidiano:

[...] dois lados sempre se encontram, o cotidiano com seu aspecto fastidioso, penoso e sórdido (o amorfo, o estagnante), e o cotidiano inesgotável, irrecusável e sempre inacabado e sempre escapando às formas e às estruturas (BLANCHOT, 2017, p. 237).

Está aí uma das chaves duplas do cotidiano, em sua potência e porosidade: seu

poder de escape. Martín, ao fotografar imagens corriqueiras da cidade, captura este momento de coexistência entre estranhamento e familiaridade: “É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie do extraordinário” (BLANCHOT, 2017, p. 237).



[Fig. 3. Foto por Martín. Fonte: *Medianeras*, 2011]

Martín percebe que “observar é estar e não estar”, uma ambivalência de proximidade e distanciamento. O dilema do seu cotidiano não se resolve, mas a busca por aquele instante persiste. O filósofo francês Georges Didi-Huberman defende em seu livro *A sobrevivência dos vagalumes* (2011), a resistência da experiência e da imagem em campos e tempos urbanos.

Mas como os vaga-lumes desapareceram ou “redesapareceram”? É somente aos nossos olhos que eles “desaparecem pura e simplesmente”. Seria bem mais justo dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. Que eles desaparecem apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador renuncia a segui-los (HUBERMAN, 2011, p. 47).

Se tomarmos *Medianeras* enquanto espaço ideológico, e o momento em que Martín tira fotos como uma busca pelo instante-vagalume, que lugar seria esse em que os vagalumes desaparecem? Como esse impulso do resgate subjetivo de Martín que, para não ser engolido pela efervescência de uma vida virtual de ritmo acelerado, da efervescência de um centro urbano que o intimida, poderia dialogar com o

movimento febril que acomete o menino berlinense, em meio a um quarto burguês, a redescobrir e habilitar certas narrativas esquecidas debaixo do travesseiro?

1.2.1. (Sobre)vidas em espaços fechados

Os personagens em *Medianeras* reclamam de forma efusiva dos ambientes minúsculos em que se transformaram os apartamentos para conter a expansão populacional sem planejamento da cidade de Buenos Aires. Contudo, “a caixa de sapatos”, como Mariana apelida carinhosamente seu apartamento, passa longe das medidas espaciais que se limitaram às perspectivas do *imaginário* do homem contemporâneo.

Paradoxalmente, tal estreitamento se dá por uma faceta a ser estudada agora, a alucinação do infinito. Jonathan Crary, no livro anteriormente citado, *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2014), propõe uma atualização do debate iniciado por Michel Foucault⁷ e outros comentadores acerca do tema “sociedade de controle” e “sociedade do espetáculo”. Em dado momento, comenta sobre a ilusão da presença decorrente de desdobramentos causados pelo capitalismo tardio: “24/7⁸ anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença” (CRARY, 2014, p. 39).

A ilusão da presença também comparece em *A conversa infinita 2* (1986), de Blanchot. O que o crítico nos apresenta é um retrato sintomático dos tempos contemporâneos:

[...] o mundo inteiro nos é oferecido, mas por meio do olhar. Estaremos livres da preocupação com os acontecimentos assim que tivermos posto sobre a sua imagem um olhar interessado, em seguida simplesmente curioso e, por fim, vazio mas fascinado (BLANCHOT, 2007, p. 238).

⁷ A pesquisa não pretende dar conta do complexo pensamento que Michel Foucault inaugura em livros como *A Ordem do Discurso* (1970) e *Vigiar e Punir* (1975), embora identifique na tese de Crary rastros de tais leituras.

⁸ Abreviação para 24 horas por dia, sete dias por semana. A tese de Crary se constrói em torno da problemática com a cultura 24/7, referente a uma demanda de disponibilidade permanente não apenas de serviços, mas de indivíduos.

Em uma sociedade do espetáculo profundamente marcada pela cultura midiática e pela ilusão da presença, o papel do indivíduo contemporâneo se configura em meramente assistir. Neste espaço aparentemente passivo, à prática substitui-se o pseudoconhecimento “de um olhar irresponsável, ao movimento do conceito que é uma tarefa e uma obra, o divertimento de uma contemplação superficial, despreocupada e satisfeita” (BLANCHOT, 2007, p. 238). Assume-se a função de eternos espectadores e, se o risco desse papel no cruzamento realidade-midiático existe, o mesmo ocorre quando as linhas entre consumidor e produto se tornam tênues.

Enquanto Martín está tirando fotos, Mariana está tentando se recuperar do término de um relacionamento de quatro anos. Como vitrinista, seu contato com manequins toma considerável espaço na vida e na trama, e a fotografia do filme se preocupou em ilustrar cenas de uma quase simbiose:



[Fig. 4. Mariana e o manequim. Fonte: *Medianeras*, 2011]

Esse entrecruzamento entre mulher e manequim, humano e mercadoria, vem sob a forma de uma metáfora do que já ocorre, segundo Crary. O norte-americano atualiza discursos como de Guy Debord em *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1967). Quais seriam os efeitos de uma ordem de vida em que a lógica de mercado

penetra na existência individual e interfere na aquisição da própria identidade e subjetividade dos afetados? Qual seria a extensão dessa ocupação de espaços em outros departamentos de vida? O filme *Medianeras*, de certa forma, antecipa tal discussão através da trajetória de seus personagens, imersos e perdidos no grande centro comercial de Buenos Aires. O seguinte comentário de Crary responde parte de minhas perguntas:

É forte a pressão sobre os indivíduos, para que se reimaginem e se reconfigurem como seres dotados da mesma consistência e valor das mercadorias desmaterializadas e das conexões sociais em que estão profundamente imersos (CRARY, 2014, p. 109).

Durante o filme, há uma série de momentos em que Mariana se comporta como manequim. O jogo de simbiose ilustra, ainda que de modo sutil, a proximidade que consumidores estão de se tornarem produto: “Percebi que quem estava na vitrine era eu. Como um manequim. Imóvel, silenciosa e fria” (MEDIANERAS, 2011).



[Fig. 5. Mariana na vitrine. Fonte: *Medianeras*, 2011]

Mariana em sua relação simbiótica com manequins não só reflete uma dimensão da sociedade de consumo, mas efetivamente acessa uma característica sintomática do indivíduo contemporâneo:

A reificação⁹ chegou ao ponto de exigir que o indivíduo invente uma concepção de si que otimize ou viabilize sua participação em ambientes e velocidades digitais. Paradoxalmente, isso significa assumir um papel inerte e inanimado (CRARY, 2014, p. 109).

Além da herança de transformar todas as dimensões de vida em produto, Crary alerta que para manter certas engrenagens dos dispositivos digitais girando em tempo ininterrupto, seria necessário abdicar de outras esferas de atuação de existência, não compatíveis a essa lógica de mercado. Apesar do tom abrangente do autor estadunidense, vale dizer que este é outro ponto de choque entre espaços de ordens distintas que *Medianeras* entrevê, seja pelo modo como narra a vida em pausa de Martín de frente para a tela de um computador, seja pelo movimento simbiótico de Mariana com seu manequim.

1.2.2.

Sobre ser neutro

Nas seções anteriores, observamos como o indivíduo contemporâneo assume funções em decorrência de certas demandas de um determinado modelo econômico. Até agora investigamos o indivíduo, ora como espectador, ora como mercadoria. Aqui descobriremos outras funções.

Quando Blanchot, em ensaio anteriormente visitado, cita Hegel ao comentar que “cada vez que se afirma o universal em sua bruta existência abstrata, toda vontade particular, todo pensamento separado caem sob o golpe da suspeita” (BLANCHOT, 2007, p. 325) nos lembra da tensão que ocorre entre governado e governante. No cerne de sua existência todo e qualquer “indivíduo carrega dentro de si um conjunto de reflexões, de intenções, isto é, de reticências, que o condena a uma existência oblíqua” (BLANCHOT, 2007, p. 325).

Em outras palavras, percebe-se o indivíduo como culpado antes de ter cometido alguma infração, pela própria existência de uma ordem interna que rivaliza e não acompanha uma pré-estabelecida, sem a qual o Estado cairia. Se o “suspeito é essa presença fugitiva que não se deixa reconhecer e, pela parte sempre reservada que

⁹ Em *História e Consciência de Classes* (1923), George Lukács amplia o conceito de Karl Marx acerca do desenvolvimento histórico da alienação e o fetichismo da mercadoria.

representa, tende não só a incomodar, mas também a pôr sob acusação a obra do Estado” (BLANCHOT, 2007, p. 326), uma demanda que obrigue uma exposição de identidades e visões particulares não apenas se dá como medida de controle, mas de defesa. No momento em que os papéis se invertem, o foco da análise recai no Estado. Blanchot defende que em certa circunstância:

[...] cada governado é suspeito, mas cada suspeito acusa o governante e o prepara para tornar-se culpado, já que este deverá um dia reconhecer que não representa o todo, mas uma vontade ainda particular que usurpa somente a aparência do universal (BLANCHOT, 2017, p. 326).

Esse roubo do universal, que na verdade esconde uma natureza específica e de interesses particulares, é justamente o que entra em confronto com a própria natureza interna do indivíduo. Cada subjetividade expressa na natureza do indivíduo é uma ameaça latente ao Estado e exatamente por isso seu trabalho interminável reside em calar tais anseios perigosos à ordem. De fato, a ordem de tal sistema se faz de modo que a função do indivíduo contemporâneo não seja apenas de mero expectador ou mercadoria, mas vigília e vigiado.

Outro teórico que nos ajuda a pensar os limites da neutralidade arraigados em um pensamento ocidental é o crítico literário Terry Eagleton. Há uma passagem em seu livro *Teoria da Literatura: uma introdução* (2011) que esclarece como “as afirmações sobre os fatos são *afirmações* que pressupõem alguns juízos questionáveis” (EAGLETON, 2006, p. 20). Para ilustrar tal ideia, o autor cita uma frase vista como um fato neutro: essa “catedral foi construída em 1612” (EAGLETON, 2006, p. 19), para logo depois deslocar e questionar a caráter neutro da afirmação. Neste momento, partimos da reação hipotética de um turista estrangeiro que estivesse visitando a Europa:

Por que, ele poderia perguntar, você insiste em mencionar as datas da construção de todos esses edifícios? Por que essa obsessão com as origens? Na sociedade em que vivo, (...) nossos edifícios são classificados de acordo com sua posição em relação ao noroeste ou ao sudeste (EAGLETON, 2006, p. 19-20).

Deste modo, ele revela como mesmo em frases aparentemente factuais se escondem juízos “de que tais afirmações são dignas de serem feitas, talvez mais dignas do que algumas outras, de que eu sou a pessoa indicada para fazê-las e talvez a pessoa capaz de assegurar sua veracidade” (EAGLETON, 2006, p. 20). Se em uma

informação que se assemelhe a um fato há imbuído um juízo de valor, conseqüentemente, há também um sistema de hierarquia, operando nos bastidores.

Uma ideia de neutralidade, a ser desconstruída, nos remete ao papel irresponsável – e aparentemente inofensivo – do anônimo, o que nos lembra de Blanchot em ensaio mencionado anteriormente. O rosto da multidão “sempre viu tudo, mas não testemunha nada; ele sabe tudo, mas não pode responder por isso, não por covardia, mas por ligeireza e por não estar realmente lá” (BLANCHOT, 2017, p. 242). Em dado momento, o indivíduo contemporâneo não é aquele que apenas assiste, mas aquele que fala. E sobre o que fala?

Esse é o lugar do anônimo e seu produto, o rumor: o lugar “onde tudo é dito, tudo é ouvido, incessante e interminavelmente, sem que nada se afirme, sem que haja resposta a nada” (BLANCHOT, 2007, p. 242). Todo esse fenômeno trabalha a serviço de um movimento de despolitização, pontua Blanchot; e Jonathan Crary concordaria, ao identificar tal fenômeno na explosão midiática. “A vida cotidiana não tem mais relevância política – resiste apenas como simulação oca de sua antiga substancialidade” (CRARY, 2014, p. 83).

Diante tais relatos, restaria agora ao indivíduo contemporâneo procurar alguma rota de fuga para essa demanda ou examinar mais de perto o que está em jogo?

1.2.3.

Pela fresta da janela: espaços-vagalume

O trajeto até aqui foi marcado pela observação e análise de um movimento de despolitização na era midiática, em que seus agentes (“o empresário do espetáculo”, segundo Blanchot) são “hábeis em fazer dormir em nós o cidadão para manter desperto, na meia-luz de uma meia-sonolência, apenas o infatigável espectador de imagens” (BLANCHOT, 2007, p. 239).

Contudo, há reservado no filme um instante de clarão, em que os dois personagens resolvem ao mesmo tempo criar janelas nas medianeras, “superfícies que nos dividem e lembram a passagem do tempo, a poluição e a sujeira da cidade” (MEDIANERAS, 2011).

Diz Mariana:

Contra a opressão de viver em caixas de sapato existe uma saída. Uma rota de fuga. Ilegal, como toda rota de fuga. Em clara desobediência às normas do planejamento urbano, abrem-se minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas que permitem que alguns milagrosos raios de luz iluminem a escuridão em que vivemos (MEDIANERAS, 2011).

Esse fazer clandestino irrompe em meio a anúncios publicitários. Em uma medianera específica há uma única palavra:



[Fig. 6. Anúncio Publicitário. Fonte: *Medianeras*, 2011]

A cena contamina o restante do filme com uma sensação de mudança e expectativa. O fazer clandestino modificou a atmosfera do filme e dos personagens, ainda que de modo sutil. O ato, igualmente irônico, de associar *hope* (esperança, em inglês) a um anúncio publicitário num filme que se pretende criticar os avanços e excessos da cultura de mercado do capitalismo tardio parte de uma chave dupla de interpretação. Esta consiste em mirar com desconfiança os discursos deste tipo de anúncio sem deixar escapar, no entanto, a oportunidade de fazer algo com ele, numa busca que se inicia com um resgate subjetivo em contato com um discurso objetivista.

Esta qualidade de se utilizar do próprio discurso que se critica para redimensioná-lo será vital nas discussões posteriores em que as teses acerca do capitalismo tardio tomam um caminho perigoso, se aproximando ainda mais de um tom apocalíptico e que, portanto, coloca em discussão a própria capacidade de agência do indivíduo que, imerso a um cenário de demandas, supostamente, tão implacáveis, não teria uma linha de fuga, a não ser a deserção passiva.

1.2.4.

Sobre a (in)capacidade de voar

Mariana é arquiteta, mas jamais construiu nada. O trabalho de vitrinista, segundo ela, ajuda a manter sua mente ocupada, embora o lugar que realmente goste de ir é ao planetário, sua construção preferida em Buenos Aires. Não tanto pela sua arquitetura, e sim por que:

[...] na realidade, o que o planetário faz é me colocar em meu lugar. Lembra que o mundo não gira ao meu redor, que sou uma parte muito pequena de um planeta que faz parte de um sistema, que faz parte de uma galáxia que, como milhares de galáxias, faz parte do universo (MEDIANERAS, 2011).

Essa lembrança escapa da imersão individual a qual a explosão midiática nos convida a visitar. Tal como Mariana fez, um recuo das coisas do mundo para um redimensionamento atento, as estratégias de deserção defendidas pelo teórico Jonathan Crary parecem seguir pelos mesmos caminhos: “no capitalismo 24/7, qualquer forma de sociabilidade que ultrapasse o mero interesse individual está condenada ao desaparecimento” (CRARY, 2014, p. 99). Em passos diminutos, o fazer imaginativo e de devaneio de Mariana se configura como sutil transgressão à ordem do capitalismo tardio.

Quando a ex-namorada de Martín o abandona e deixa sua cachorra com ele, o protagonista lhe entrega seu amuleto de sorte, uma pedra que costumava usar todas as vezes que ia viajar. Segundo ele: “em um mesmo instante, perdi a mulher que amava e a capacidade de voar” (MEDIANERAS, 2011). Muito embora o personagem esteja se referindo a sua fobia de avião, esse momento é o que marca a passagem para a sua reclusão e depressão. Com o caráter cruzado do filme e suas alegorias, o voo não se limita a uma viagem aérea, mas a própria capacidade imaginativa e ao exercício do devaneio.

Para Crary, tais práticas configuram-se em tentativas de enfrentamento para a problemática do indivíduo em meio à expansão midiática. Ele alerta que devanear e sonhar acordado são essenciais, em termos de imaginação de um futuro. Este alerta, contudo, nos abre outras perguntas: o quanto de nossa própria imaginação não se encontra colonizada? E o quanto de imaginar o futuro poderia nos furtar das

possibilidades de, a passos diminutos, propor recuo desta ordem de vida hoje? Por ora, ficamos com o exercício de pequenos movimentos de recusa e criação que *Medianeras* nos apresenta para lidar com sua problemática central: viver o visual sem realmente enxergar, conectar-se ao virtual sem que, no entanto, haja conexão alguma.

1.2.5. Potências vagalumes

Medianeras nos convida a um debate sobre os desafios encontrados nos cruzamentos de espaços físicos e midiáticos, na imersão de uma segunda vida e na sua própria percepção enquanto indivíduo. Ao evocar essas reflexões, o filme assume também um espaço ocupação, dotado de uma suavidade crítica e uma *potência vagalume*. Ao ilustrar uma relação entre o homem contemporâneo e as ferramentas do seu tempo, o filme promove a queda sucessiva de máscaras: por trás da aparente expansão se esconde um estreitamento; por trás da neutralidade, um interesse particular e por trás da promessa de conexão, o vazio.

Por outro lado, a palavra *Hope* vinda de um anúncio publicitário marca um ponto de cisão bastante emblemático do filme. O uso desta palavra em meio aos discursos, alvo da crítica do filme, parece se afastar de certo sintoma no tom das teses acerca do capitalismo tardio. Se a efervescência da aceleração de um tempo repleto de demandas mercadológicas é analisada com seriedade, há também o risco de injetarmos nos diagnósticos desse capitalismo tardio um tom perigosamente apocalíptico, ao se perceber nos dispositivos e no ritmo dessa vida utilitária moldes em que é “sistematicamente impossível haver um momento de compensação ou pausa, dedicado a preocupações ou projetos coletivos” (CRARY, 2014, p.53).

Será mesmo? E quanto aos aplicativos que podem servir como instrumento político e até militante? O que dizer das organizações de passeatas e rodas de debates nos delicados momentos de conflito político que o Brasil atravessou no ano de 2013? O que dizer sobre a Mídia Ninja, que nasceu no momento em que a mídia nacional se mostrou parcial, numa tentativa de suprir a lacuna que se fazia de acompanhar as notícias do que efetivamente estava acontecendo durante essas passeatas? O que dizer então do aplicativo “sai pra lá”, nascido da necessidade de se fazer uma cartografia de assédios pela cidade do Rio de Janeiro, para mulheres identificarem zonas perigosas?

Ao ler nas entrelinhas da tecnologia um poder de onipotência que, felizmente, é imaginário, quanto não se está retirando a capacidade de agência que ainda resta ao indivíduo? Sim, é bem verdade que a colonização do imaginário representa um risco nas subjetividades dos indivíduos, mais ainda em sua capacidade de pensar criticamente, o que poderia, com efeito, ser catastrófico em termos de imaginação de um futuro partilhado.

Mas sem a possibilidade de se pensar num gesto político no momento atual, numa necessária qualidade de olhar de se perceber nas entrelinhas de uma tecnologia, por vezes nociva, por vezes até mesmo mortífera, a possibilidade de respirar lampejos de luz, será impossível reparar nestas pequenas pontas de vidas-vagalume que resistem em meio a uma luminosidade que cega. Sem a possibilidade de enxergar que esta tecnologia é também agora nossa zona comum, será impossível enxergar nela oportunidades, e não apenas fronteiras e limites (ainda que existam, e sejam poderosos). Como conceber o redesenho das dimensões de uma febre feroz e acelerada que, apesar de todas as estratégias de domínio e controle que a patrocinam, há de haver algum antídoto?

Porto, 15 de fevereiro de 2019,

Recebi sua carta sobre Maladie em má hora. Meu computador tinha acabado de pifar e acabei tendo que viajar até a casa de uma amiga para fazer as ilustrações do livro.

No caminho, fiquei com algo na cabeça, mas não a sua

Maladie. O que é um vírus?

Fiquei o dia todo lá para fazer as ilustrações, que já lhe enviei. Conversamos sobre a palheta de cores, você me contou sobre a melancolia e eu jamais soube mexer com a dor dos outros.

O que é um vírus?

Quando cheguei em casa, pensei que teria que mandar o computador para o conserto, já tinha preparado a capa e só apertei aquele botão como teste. O sistema funcionou normalmente.

Vai ver foi só uma forma de me tirar de casa.

O que é um vírus senão um tradutor?

De Porto,

P.

2

Ora humana, ora maquinal

2.1. A marca de uma engrenagem

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica.
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos
(Ode Triunfal, Fernando Pessoa).

O ponto neste capítulo será mergulhar no signo ora maquinal, ora humano da febre e tal etapa envolve questionar as raízes do impulso transumano, percorrendo por suas possíveis causas e suas consequências. A discussão que se inicia agora teve como ponto de partida um estudo acerca do signo ora moroso, ora efervescente da febre, que no primeiro capítulo se ocupou em tratar da efervescência do ritmo acelerado em tempos urbanos do capitalismo tardio, assim como prever outras rotas para o usual conceito de morosidade e lentidão que a febre enquanto doença traria ao convalescente.

Está na mira da pesquisa demonstrar como as chaves simbólicas podem esconder uma faceta mais rasteira. No caso específico da febre, o signo percorre a dicotomia saúde-doença¹⁰ como também flerta na tradicional crítica ao ritmo acelerado dos centros urbanos, que não raro dotam tais dados sintomáticos da sociedade com o adjetivo “febril”.

¹⁰ Muito embora haja gratas exceções que poderíamos por alto citar, tal como o *Elogio da Loucura* (1509), de Erasmo de Rotterdam, e o texto de Virginia Woolf, visitado na seção anterior, “Sobre estar doente” (2014). Poderíamos considerar também toda a tradição da melancolia que, salvo sua relação com a doença, toma emprestado a tal patologia um caráter de genialidade, geralmente esquecido em tais temas, além de reabilitar o saudável diálogo ao se perguntar o que mesmo chamamos de patologia, como é o caso de Freud, em *Luto e Melancolia* (1917).

Meu objetivo foi inverter a chave e pensar no que haveria de moroso no ritmo até então considerado efervescente dos centros urbanos e o que haveria de efervescente num acamado que é atingido por uma “alteração espiritual”, fruto inesperado da convalescência que abriga em suas horas, mais que o mero esperar da vida, um acontecimento. A chave epifânica em sua alteração espiritual, conforme Virginia Woolf nos fala em seu ensaio “Sobre estar doente” (2014), revela um tempo por entre cobertas, inacessível nos limiares da “respeitável saúde” (WOOLF, p. 190, 2014).

Iniciamos nosso percurso com o auxílio de “Ode Triunfal”, o poema de Fernando Pessoa, sob o pseudônimo de Álvaro de Campos, considerado o “mais indisciplinado heterônimo de Fernando Pessoa, levado pelo arrebatamento, pela livre manifestação de sentidos, dos impulsos e do pensamento” (REIS, 2012, p. 1384). Em uma primeira chave de leitura, pode-se dizer que o poema delimita uma ruptura com as perspectivas vigentes de mundo e a forma como os modos de produção seriam manipulados, inaugurando o prenúncio do modernismo com o ritmo vertiginoso daquela nova ordem de vida que contaminaria as cidades, como também um desejo:

Ah poder exprimir-me todo como um motor se exprime! Ser completo como uma máquina! Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo! (PESSOA, 2006, p. 306).

Numa segunda chave de leitura, em artigo “A presença do Febril em ‘Ode Triunfal’ e ‘Ode ao Burguês’”, Suillan Miguez Gonzales investe em um estudo comparativo entre os poemas de Álvaro de Campos e Mário de Andrade e utiliza o signo “febril” como “instrumento de verificação de vozes exaltadas de tais poesias, de maneira a revelar os procedimentos no campo estético e expressivo significativos para um momento de acentuado extravasamento literário: o Modernismo” (GONZALEZ, 2012, p. 59).

No caso da “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos, Gonzalez lê por trás da performance do tom inflamado e percebe no chamado signo febril uma “expressão estética”, como um dos recursos poéticos que “confirmam a tomada de atitude em prol da instabilidade” em que “tudo parece se transformar em manifesto, mesmo que ironicamente constituam um poema ode.” (GONZALEZ, 2012, p. 60).

Nesse intrincado equilíbrio, no jogo de idas e vindas do poema-homenagem,

“cujo título já cultiva a expectativa de que há sucesso em uma trajetória ou vivência (o triunfo), vê-se o turbilhão da novidade e um remoto fundo de lucidez, numa dicotomia instigante” (GONZALEZ, 2012, p. 60). É importante ressaltar que de acordo com Gonzalez a febre nos poemas que analisa comparece como atitude essencialmente estética e performática, ainda que preserve relação íntima com a visão crítica desses poetas sobre a dimensão que o mundo adquiriu. Isto, inclusive, possui “relação direta com a performance que os “fingidores” empregaram como estratégia para “fingir” ou dramatizar o estado ‘febril’”. (GONZALEZ, 2012, p.71)

No que diz respeito ao trecho de “Ode Triunfal”, em que se nota o desejo de “ser completo como uma máquina” articula-se uma troca de referencial. Com o advento da máquina, não é mais o homem “a referência da complexidade e exatidão”. “E o desejo desde então é o de ser o “automóvel último modelo” para seguir na vida triunfante, porém rebaixado no que diz respeito à própria funcionalidade que oferece ao mundo”. (GONZALES, 2012, p. 61).

Se na era industrial, houve a inauguração de um impulso transumano, de um desejo de trocar o aparelho humano por um maquinal, em busca de se completar as fissuras e corrigir as fragilidades humanas, é possível afirmar que na era digital vivemos uma aglutinação desses mesmos impulsos. Nesse sentido, Jonathan Crary traz em seu pensamento comenta sobre a intensificação deste impulso. Ao fornecer diversos exemplos de ameaça de uma sociedade que se alimenta deste desejo, podemos também associar Cristoph Türckle, revisitando as ideias reunidas em *Sociedade Excitada* (2010).

Vimos anteriormente com o relato de Crary que certas empreitadas observadas por ele atualmente na era digital parecem trabalhar intensamente com este objetivo. Um dos exemplos mais significativos está no projeto das Forças Armadas que desenvolve uma droga contra o medo para “ocasiões em que, por exemplo, drones armados com mísseis não poderão ser empregados, e esquadrões da morte de soldados resistentes ao sono e à prova de medo serão necessários para missões de duração indefinida” (CRARY, 2014, p. 13).

Dessa forma, a ideia é de formar, muito em breve, a instauração de uma fileira de saudáveis soldados de chumbo marchando para uma missão suicida. Eles não a temem, pois não podem temer, perderam a capacidade de sentir. Servem agora exclusivamente ao uso do Exército Americano. Segundo o teórico americano, o

estudo em desenvolvimento para criar esta droga inibidora do medo, em conjunto com os estudos de experimentos com os pardais de coroa branca para limitar a necessidade de sono dos soldados, faria parte de um projeto maior: um “projeto de impor ao corpo humano um modelo de máquina eficaz e resistente” (CRARY, 2014, p. 13). O impulso transumano assume aqui novas formas: mais perigosas com um amplo poder de impacto.

O que seria ainda mais alarmante é a consciência de que o projeto em realidade trata do prenúncio de uma esfera social mais ampla, uma vez que o “soldado sem sono seria o precursor do trabalhador ou do consumidor sem sono” (CRARY, 2014, p. 13). Na era digital, vale perguntar em que escala é possível ver esses impulsos correndo por outros setores da vida social, do cotidiano do trabalhador ou do consumidor? Haveria terrenos protegidos de tal influência? E a serviço do que essa influência opera?

Talvez seja necessário se perguntar primeiro se haveria algum espaço atualmente que não fosse afetado pela influência destas forças, ao “entender os estudos sobre privação de sono no contexto de uma busca por soldados cujas capacidades físicas se aproximarão cada vez mais da eficácia de aparatos e redes não humanos” (CRARY, 2014, p. 12). O que a promessa de eficiência esconde e o qual o seu custo? As demandas mercantilistas, que refletem este desejo de impor ao corpo humano o comportamento de uma máquina, possuem certas formas de esconder os rastros por onde atravessa.

O sono, contudo, seria um dos maiores inimigos dessa demanda, ao revelar sua estrutura, incompatível com o funcionamento e as limitações do corpo humano. Ao servir como interrupção da máquina, uma ruptura necessária e inegociável ao ritmo efervescente, o sono tal como a febre se apresenta como ameaça à respeitável saúde na dicotomia saúde-doença.

Se no capítulo anterior, defendi a ideia de que a febre nos ofereceria uma espécie de iluminação a certos eventos obscurecidos pelo ritmo agitado dos centros urbanos, nos devolvendo a uma contemplação já impraticável no cotidiano moderno, aqui a ideia é de citar como o sono nos oferece uma qualidade de percepção a certas exigências encobertas, pois já naturalizadas. Com a aproximação de um período histórico em que as necessidades humanas são monetizadas pelo capitalismo, é compreensível se deparar com os esforços de erradicá-lo, através de teorias tão extremas quanto o discurso que

crítica, pois se de um lado, tem-se o ritmo imposto pela ordem 24/7, do outro, tem-se um diagnóstico apocalíptico.

Nesta linha de raciocínio, contudo, pensar no esforço em apagar o sono pode ser valioso em nossa análise. O que se identifica a princípio é um afunilamento das possibilidades de escape pautadas nos interesses das demandas mercantilistas, em especial quando Crary afirma que o “projeto é uma expressão hiperbólica de uma intolerância institucional a tudo que obscureça ou impeça uma situação de visibilidade instrumentalizada e constante” (CRARY, 2014, p. 15). Mas quando esta intolerância se mostra, o seu poder de invisibilidade já não sobrevive e as tais ordens de pensamento acenam para fora das cortinas a que estiveram escondidas, assumindo o centro do palco da discussão. Esta visibilidade é um passo inicial importante para a pesquisa, e o primeiro passo para sair do diagnóstico desolador e se amparar em alguma saída, ou ainda, métodos de sobrevivência e coexistência.

Além das duas já conhecidas vozes da pesquisa, outra, não menos apocalíptica, integrará o debate. Trata-se do professor de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Berlim, o sul-coreano Byung-Chul Han, que trabalha conceitos caros à discussão do impulso transumano em dois de seus livros: *Agonia de Eros* (2017) e seu último lançamento *No exame: Perspectivas do digital* (2018).

Em *Exame*, Han também expressa sua preocupação diante das práticas dos dispositivos da era digital e como estas se entranharam pelos vários departamentos da nossa vida social e privada. O intuito do livro é justamente endereçar alguns dos mais significativos produtos da embriaguez dos dispositivos próprios da era digital e os curiosos fenômenos que decorrem daí. O impulso transumano, como galho primário, provoca uma série de ramificações subsequentes, que será pauta também dessa seção da pesquisa.

É interessante pensar como os três estudiosos do capitalismo tardio Crary (2014), Türtle (2010) e Han (2018) formam uma espécie de tríade em suas perspectivas do cenário atual. Inicialmente, poderíamos pensar que Crary encontrou no sono seu grande tema: “O sono é um hiato incontornável no roubo de tempo a que o capitalismo nos submete” (CRARY, 2014, p. 20), mas na realidade a matéria da sua crítica repousa no tempo: “O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável” (CRARY, 2014, p. 19).

Enquanto Crary se ocupa do tempo, Türrckle tem suas concentra-se em alertar sobre o regime da atenção dentro do contexto em *Sociedade Excitada* (2010) trabalhando a ideia que a sensação advinda do solapamento de notícias e imagens na qual o indivíduo contemporâneo está mergulhado atua como constituição social geral. O vício pela sensação, gerado pela alta pressão de notícias e quantidade de informação lançada causaria em paralelo com um amortecimento dos indivíduos, um vício por mais desses estímulos. A atenção se instala como palco de sua tese.

Han, por outro lado, gosta de pensar que a “mídia digital é uma mídia de presença” (HAN, 2018, p. 35). Tal como Crary, ele também está atento à temporalidade, mas enquanto Crary acredita que o 24/7 é um tempo sem tempo, se tratando “não apenas com um tempo homogêneo e sem variação, mas como uma diacronia desativada e abandonada” (CRARY, 2014, p. 65), para Han ao falar da era digital, afirma que “sua temporalidade é o presente imediato”. É a presença que constitui, e aqui o pensamento se diferencia de Türrckle, no vício não de receber informações, mas de ser produtor incansável destas, senão de conteúdo, de reações.

É um fenômeno curioso este em que ao mesmo tempo em que se está produzindo uma droga para inibir sensações, como é o caso da droga do medo, também este parece ser o momento de maior demanda por provas de nossa capacidade de reagir e sentir. O estímulo constante, imposto ao indivíduo na era digital, de se apresentar exaustivas provas de sua opinião, sua posição acerca de qualquer evento, sua capacidade de reagir aos mais variados temas, parece ser, à primeira vista, uma contradição do impulso transumano no capitalismo tardio que, se por um lado, exige uma eficiência maquinal, por outro, também demanda de nós a capacidade humana da reação subjetiva. A contradição aqui está no fato de impor ao corpo humano à eficiência de uma máquina em todos os departamentos, exceto na dimensão em que nos constituímos como consumidores.

Agora vamos analisar como este impulso toma forma na era midiática, naquilo que na seção anterior foi observado como colonização do imaginário.

Acerca das engrenagens da colonização do imaginário e como ele se relaciona ao impulso transumano, podemos iniciar o debate com o que o filósofo italiano Maurizio Lazzarato traz seu livro *Signos, máquinas e subjetividades* (2014). Nele, o autor procura tratar sobre aquilo que ele chama de crise de subjetividade em que certos limites se tornam difusos quando o impulso transumano ganha novos formatos:

“Hoje, a ubiquidade da subjetivação empreendedora, manifesta no impulso para transformar todo indivíduo num negócio, resultou em vários paradoxos” (LAZZARATO, 2014, p. 14).

O paradoxo principal que gostaria de trazer em cena aqui é que, se por um lado existe a demanda de que a nossa atuação e produtividade estejam mais amparados ao processamento de uma máquina, há também a exigência de que se a produção de subjetividade humana do indivíduo, a mesma que nos forma consumidores e criadores de produtos, não cesse. Ora maquinal, ora humana: o discurso objetivista se funde ao subjetivo em prol do mercado.

Do mesmo modo que observamos no capítulo anterior, o processo se inicia numa promessa utópica que eventualmente patrocina um resultado distópico: “Agora que as promessas de riqueza para todos, através do trabalho duro, do crédito e das finanças, se mostravam vazias, a luta de classes se volta para a proteção dos credores e dos proprietários de ‘valores mobiliários’” (LAZZARATO, 2014, p. 15). Na crise atual, de acordo com o autor, a articulação entre produção e produção de subjetividade estaria fundada na dívida, e no homem endividado.

O homem endividado, como o resultado distópico de uma promessa que jamais se concretizou, responsabiliza o indivíduo integralmente pelo suposto fracasso.

Evidentemente, estamos falando em subjetivação negativa, o mais óbvio sintoma do fato de que fluxos de conhecimento, ação e mobilidade, embora continuamente solicitados, apenas conduzem a uma subjetividade repressiva e regressiva. O homem endividado, de imediato culpado e responsável por seu destino, deve carregar os fracassos econômico, social e político do bloco de poder neoliberal – fracassos despejados pelo Estado e pelo mundo dos negócios sobre a sociedade (LAZZARATO, 2014, p. 15).

Como um contraponto de todo diagnóstico que viemos enfrentando, visito “Ciberativismo, uma visão da teoria crítica de relações internacionais” (2013), de Amanda Gonçalves, que traça “estudo sobre o modo como o ciberespaço é utilizado para produzir atividades políticas no plano internacional, sendo um meio importante no que se refere a transformações sociais” (GONÇALVES, 2013, p. 13). Para abordar o ativismo no ciberespaço, ela se utiliza da teoria crítica de Manuel Castells em sua obra *Redes de Indignação e Esperança* (2013).

Para tratar da atividade política no ciberespaço, Gonçalves lança mão da palavra do teórico:

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, p.7).

Este é um ponto vital de nossa pesquisa, pois pela primeira vez, percebe-se uma possibilidade política com os dispositivos da era midiática que, além de vender produtos e servir de instrumento para autopromoção, também proporcionam a chance de uma troca que, diferente dos discursos dos teóricos do capitalismo tardio, escapam sim das demandas mercantilistas.

Apesar de toda observação e estudo que observa na era midiática um convite à alienação, é necessário um recuo para cavar em seus recursos também uma produção de forças em comum, uma União de Subjetividades que promove uma consciência política. Como identificar quando a União das Subjetividades está trabalhando para o abafamento da visão política e como saber quando está se afastando disso?

Foi dito por alguns dos teóricos do capitalismo tardio que os dispositivos da servidão maquínica não poderiam gerar outras demandas que não fossem as econômicas, fazendo tais discursos, bastante atentos aos riscos e consequências da era midiática, igualmente pendendo a um tom apocalíptico que nos lembraria de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em “Indústria Cultural” (1947).

De acordo com tais discursos, contudo, as redes de esperanças abertas por Castells (2013) estaria inacessível, visto que a própria produção de subjetividades se veria sempre condicionada aos próprios processos de capital, conforme nos diz Lazzarato:

No capitalismo, a produção de subjetividade opera de duas maneiras, que Deleuze e Guattari denominam dispositivos de sujeição social [...] e servidão maquínica” [...]. A sujeição social nos dota de uma subjetividade, atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo, uma profissão, uma nacionalidade e assim por diante. Em resposta às necessidades da divisão social do trabalho, ela fabrica sujeitos individuais, sua consciência, representações e comportamento” (LAZZARATO, 2014, p. 17).

Diante da ameaça desses dispositivos presentes palavras de Lazzarato, nos voltamos então para a promessa do ciberativismo e há uma pergunta que insiste em se

apontar no horizonte: Como falar de União de Subjetividades se o próprio esquema desta produção estaria, senão atravancado, condicionado às demandas do capital? Trata-se de um ponto incontornável em nossa discussão.

Ainda segundo Lazzarato:

Máquinas técnicas e máquinas sociais, nas quais “humanos” e “não humanos” funcionam juntos como partes componentes no agenciamento corporativo, no agenciamento do Estado de bem-estar social e no agenciamento midiático (LAZZARATO, 2014, p. 17-18).

A única coisa capaz de causar um despertar político viria de algo que o filósofo italiano vai intitular como *mutação política*. Lembramos aqui do personagem Martín, de *Medianeras*, que para escapar da depressão que o atravessou em meio ao sobrecarregar de imagens e estímulos de uma internet que o salvou, mas que também cobrou seu preço. Martín, em resposta, começa a tirar fotos numa tentativa de reconhecer sua própria identidade no cotidiano, dentro das pequenas pontas de luzes vagalume que parecia acenar por entre uma foto ou outra. O que esse movimento representa para a pesquisa e como ele se liga entre a promessa esperançosa de um ciberativismo político?

Segundo Lazzarato, a produção não poderia ser separada de uma esfera econômica, tampouco, política, pois sua dimensão perpassa por essas esferas e vai além, uma vez que a mutação subjetiva:

[...] não é primordialmente discursiva; ela não tem a ver primeiramente com conhecimento, informação ou cultura, pois afeta os núcleos de não discursividade, não conhecimento e não aculturação que residem no coração da subjetividade. A mutação subjetiva é fundamentalmente uma afirmação existencial e uma apreensão de si, dos outros e do mundo. E é sobre a base dessa cristalização não discursiva, existencial e afetiva que novas linguagens, novos discursos, novo conhecimento e uma nova política podem proliferar (LAZZARATO, 2014, p. 20).

Contudo, diante de tal afirmação, devemos nos perguntar: como essa mutação subjetiva se produz? Poderia ser provocada; ser conscientemente provocada e estimulada? O que o espaço da febre poderia ajudar nessa construção de pensamento? Segundo o filósofo italiano seria apenas “quando uma mutação da subjetividade, enquanto cristalização de uma nova existência (Guattari), ganha consistência é que se pode tentar uma nova relação com os fluxos econômicos, linguísticos, técnicos, sociais e comunicacionais” (LAZZARATO, 2014, p. 21). Poderia o espaço produtivo

da doença, fora dos limites da saúde e da linguagem, criar uma nova produção de discurso, capaz de desfazer essa cristalização?

Retomando o movimento da febre como espaço de pensamento menos agenciado pelas demandas do capital, fora dos limites da respeitável saúde, lembramos da aposta de Virginia Woolf em seu ensaio “Sobre estar doente” (2014), em que aborda a qualidade de rara honestidade que a doença provoca para que uma subjetividade insubordinável possa surgir. Segundo Lazzarato, para “que possa ocorrer, a subjetivação política deve necessariamente atravessar esses momentos nos quais as significações dominantes são suspensas e a servidão maquínica é cancelada” (LAZZARATO, 2014, p. 21-22). Poderíamos arriscar que é na febre, enquanto espaço ideológico, que se apresentaria um canal fértil para que essa mutação subjetiva seja concebida? Qual seria esse espaço da febre dentro dos dispositivos digitais da era midiática?

A chamada “rebelião multifacetada” (2013), termo cunhado por Castells, teria eclodido pelas próprias redes sociais, em função da horizontalidade de pensamentos, da possibilidade do anonimato e do baixo custo. É interessante aqui pensar que o anonimato, posto à prova no primeiro capítulo da pesquisa, pode também atuar como instrumento emancipatório para os movimentos sociais e políticos que explodiram no ano de 2011, na onda de movimentos ativistas que começaram na Tunísia e na Islândia e que se expandiram pelo globo, tal como um vírus que faria a um corpo físico. Segundo Gonçalves:

O espaço virtual é um meio importante da propagação de ideias, mas não apenas isso, o fato dele existir, fez com que esses movimentos sociais e políticos tomassem uma proporção maior, atingindo um número maior de indivíduos e facilitando a comunicação e difusão de informação entre eles (GONÇALVES, 2014, p. 37).

A rebelião multifacetada, criada nos próprios dispositivos desenvolvidos para uma alienação, podem se voltar contra essas demandas. Como um cardume febril, que se movimenta ágil demais para que alguém os prenda, forma as aglomerações de vozes que se utilizam do anonimato para se unirem em uma causa. O vírus, nesse sentido, como tradutor do sintoma de uma sociedade, parece nos dizer algo. Quando certas causas eclodem como uma greve organizada, o nascer de um despertar político viraliza. O que isso nos diz?

Greves, lutas, revoltas e manifestações constituem esses momentos de ruptura, com a suspensão do tempo cronológico e a neutralização das sujeições e das significações dominantes. Aqui, não são as subjetividades imaculadas e virginais que aparecem, mas, sim, os pontos focais, as emergências, os começos de subjetivação cuja atualização e proliferação dependem do processo construtivo que deve articular a relação entre “produção” e “subjetivação” de uma nova maneira (LAZZARATO, 2014, p. 22).

O vírus, tal como um sintoma, é um sinal: ele somatiza no corpo, traz para a superfície, todo um processo que já estava em curso antes, nas profundezas.

Contudo, de acordo com Lazzarato, essas erupções cutâneas, tal como a febre que emerge causando uma alteração de temperatura, esses cardumes febris, se organizando em pequenos eventos de emancipação política para depois voltarem a se desorganizar, ainda não são o despertar político que poderia ser eficiente: “Temos, na realidade, uma proliferação de experimentações políticas que nascem tão rapidamente quanto morrem porque são incapazes de desencadear os modos de uma subjetivação macropolítica, reprodutível e generalizável” (LAZZARATO, 2014, p. 23).

2.2.

O dever ou o direito de uma embriaguez febril

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
(Ode Triunfal, Fernando Pessoa).

Thiago Mio Salla em seu artigo “Interlúdio Eufórico e Fragmentação do ‘Eu’: Aproximações e Distanciamentos entre a ‘Ode Triunfal’ de Álvaro de Campos e as Teses Futuristas de Marinetti” (2012) pontua como o poema marcou o chamado louvor febril da modernidade, destacado pelo elogio à máquina e à velocidade. Dotando-se das teses futuristas de F. T. Marinetti, que tinha como premissa a ideia de que o poeta “deveria inebriar-se com os maquinismos e com a velocidade da vida contemporânea” (SALLA, 2012, p. 68). Interessante pensar como, anos depois, temos o diagnóstico da era midiática pelos olhos de Han que também se utiliza por essa mesma imagem, a imagem da embriaguez: “Embriagamos-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual” (HAN, 2018, p.

10).

Se enquanto no contexto histórico da “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos, observa-se uma ruptura com um pensamento moroso para adotar um ritmo efervescente e a embriaguez da máquina soava promissora, no relato de Han, a mesma embriaguez do impulso transumano seria questionada.

Se, até então, valorizava-se a “imobilidade pensativa, o êxtase e o sono”, a arte moderna, em sentido oposto, deveria exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco (MARINETTI, 1980, p. 33 *apud* SALLA, 2012, p. 68).

Pode-se perceber aqui que todos os valores que antes estavam sendo exaltados são precisamente aqueles que hoje são criticados. Se o poema de Álvaro de Campos encena e ironiza um poeta em estado febril dando as boas-vindas ao advento da máquina e da velocidade, um século depois, sob os olhos dos teóricos do capitalismo tardio, esse movimento de desconfiança prevalece conforme Crary, Türckle e Han se mostram tão arredios quanto o poeta à “beleza da máquina”.

Esta beleza parece ruir conforme certas máscaras denunciam a que demandas respondem, mas perceber ao que respondem esses impulsos não é menos importante do que questionar quais ordens tal impulso solapa:

A maior parte das necessidades aparentemente irredutíveis da vida humana - fome, sede, desejo sexual e, recentemente, a necessidade de amizade - se transformou em mercadoria ou investimento. O sono afirma a ideia de uma necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado (CRARY, 2014, p. 20).

O que fazer então com as necessidades que não podem ser colonizadas? A única forma que pareceu ter sido encontrada foi questionando o quão necessária seria a necessidade humana que não se permitiu ser colonizada: “a verdade chocante, inconcebível, é que nenhum valor pode ser extraído do sono” (CRARY, 2014, p. 20). A máscara que a “beleza da máquina” não deixa entrever são os interesses que governam o seu funcionamento. Pois o impulso transumano, tal como os empreendimentos na era digital, parecem convergir ao interesse de se soar neutro, quando possui interesses muitos particulares e específicos que os patrocinam.

Talvez a maior das máscaras desde impulso, e a que tratarei nesta seção, está em tornar os limites entre direito e dever tênues. Como quando o consórcio espacial

tentou difundir o slogan “Luz do dia a noite toda”, com o suposto intuito de “oferecer iluminação noturna a inteiras regiões metropolitanas”. Como era de se esperar, associações culturais e humanitárias alegaram que “o céu noturno é um bem comum ao qual toda a humanidade tem direito, e que desfrutar da escuridão da noite e observar as estrelas é um direito humano básico que nenhuma empresa pode eliminar” (CRARY, 2014, p. 14). Em resposta, os defensores do projeto alegaram que “a perda da noite e de sua escuridão seria um preço razoável, considerando-se a redução do consumo global de energia” (CRARY, 2014, p. 14).

Direito, privilégio e dever são linhas tênues nesse discurso. Pois se chamo de direito o que na realidade é uma ditadura, posso esconder o intuito de dominação por qualquer outra ideia. Diante disso, chegamos a uma pergunta necessária: da onde vem o interesse em fazer do corpo humano em um modelo de máquina, eficaz e resistente? As últimas empreitadas do Exército Americano em recriar a biologia dos pardais brancos em combatentes ou de criar exércitos destituídos de medo, sob o efeito de drogas inibidoras de sono, comparecem como exemplos dessa tentativa de impor ao corpo humano um modelo de máquina.

O que o impulso humano não permite entrever, contudo, está precisamente de onde nasce o interesse de tal ação. A quem poderia interessar um modelo de máquina eficaz e eficiente? Mais importante seria se perguntar de onde vem esse fascínio pela máquina e o que esse fascínio esconde?

Por que alguém protestaria, pode-se argumentar, se novas drogas nos permitissem trabalhar por cem horas seguidas? Períodos de sono mais flexíveis e reduzidos não possibilitaria uma liberdade pessoal maior e a organização da própria vida de acordo com as necessidades e desejos individuais? Menos sono não permitiria mais oportunidades de viver a vida ao máximo? (CRARY, 2014, p. 23).

Seria de fato uma liberdade, ou haveria uma confusão aqui entre direito com dever, convite com obrigação e disponibilidade com demanda? Quais as principais armadilhas deste tipo de delimitação nublada?

Segundo Crary, a manutenção de certas dicotomias que já conhecemos bem, tais como a dicotomia saúde-doença já visitada aqui tomam outras formas, como seria o caso, por exemplo, da dicotomia força-fraqueza: “No paradigma neoliberal progressista dormir é, acima de tudo para os fracos” (CRARY, 2014, p 23). Trata-se,

como se pode notar, não da criação de outros esquemas de pensamento hierárquicos, mas do remodelamento incisivo.

No capitalismo tardio, a fraqueza é vista em sua chave negativa e desconsiderada. O sono, tal como a doença – e a febre se encaixa muito bem aqui – equivalem a meros obstáculos de uma fragilidade humana ainda a ser vencida pelo advento da máquina e da indústria. Mas quando esses sintomas persistem como a febre em sua chave epifânica ou o sono em seu caráter inalienável, o que esses sintomas parecem tentar nos dizer? Que subjetividades parecem não ter sido capazes de se calar, mesmo em meio a um discurso objetivista que impõe o desaparecimento de tudo aquilo que não esteja pautado na mesma linha de interesses?

A preocupação, contudo, é que essa subjetividade já esteja inserida numa lógica de mercado: “Hoje são raros os momentos significativos da existência humana (com a exceção do sono) que não tenham sido permeados ou apropriados pelo tempo de trabalho, pelo consumo ou pelo marketing” (CRARY, 2014, p. 24). Se atualmente há uma dissolução de grande parte das fronteiras entre tempo privado e profissional, entre trabalho e consumo, tal fenômeno faz com que os limites dessas linhas também de direito e dever, liberdade e demanda econômica se tornem igualmente difusos.

Na realidade, liberdade e escravidão se confundem conforme o “slogan publicitário, instituem a disponibilidade absoluta - e, portanto, um estado de necessidades ininterruptas, sempre encorajadas e nunca aplacadas” (CRARY, 2014, p. 19). O que a luminosidade ininterrupta nos impede de enxergar e de que a disponibilidade implacável parece nos tirar o acesso? Essas perguntas são invisibilizadas se insistimos em tratar isso como um discurso do direito, e não um discurso do dever.

Ao mesmo tempo, seria ingênuo não assumir a responsabilidade e a agência do indivíduo que atende às demandas visando também um objetivo que se filie à natureza mercadológica, pois a novidade que o ritmo do capitalismo tardio deflagra diante da era digital “está na renúncia absoluta à pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo prazo, inclusive fantasias de ‘progresso’ ou desenvolvimento” (CRARY, 2014, p. 19). Estas fantasias que governam grande parte do imaginário de um discurso que tornem justificáveis e até mesmo desejáveis certas medidas que, outrora, teriam sido interpretadas como absurdas.

É compreensível, contudo, notar que são aqueles que guardam ressalvas ao

impulso transumano que são acusados de ingenuidade: “Acreditar que existam traços essenciais que distinguem seres vivos de máquinas é, dizem-nos críticos célebres, ingênuo e delirante” (CRARY, 2014, p. 23). Naturalmente, é muito perigoso tal discurso, pois o que separa humanos de máquinas é também aquilo que separa um humano de sua desumanização. A desumanização, como se sabe, é estratégia primária da colonização e de escravidão de iguais, que não menos dotados de humanidade, quando tal valor é apagado, fica mais suscetíveis quaisquer abusos de autoridade que poderiam advir de tal tendenciosa conceituação.

Em *Sapiens: Uma breve história da humanidade* (2015), Yuval Noah Harari narra como a revolução industrial fez com que mesmo plantas e animais fossem mecanizados. Algo digno de nota é que não por acaso:

Mais ou menos na mesma época em que o Homo Sapiens foi elevado a um status divino pelas religiões humanistas, os animais de criação deixaram de ser vistos como criaturas vivas capazes de sentir dor e sofrimento e passaram a ser tratados como máquinas (HARARI, 2017, p. 352).

O quanto não se cai nesta mesma armadilha hoje, enquanto se tenta desenvolver uma droga que retire o sentimento de medo para explicar a absurda medida de fazer combatentes marcharem numa missão suicida destituídos de uma constituição básica de defesa que é o medo? Harari avança na reflexão ao pensar como a tática de tratar como máquinas seres dotados de suas próprias subjetividades pode ser prejudicial:

Galinhas poedeiras, por exemplo, têm um mundo complexo de impulsos e necessidades comportamentais. Elas sentem desejos intensos de explorar seu ambiente, bicar e procurar alimento, determinar hierarquias sociais, construir ninhos e cuidar da aparência. Mas a indústria de ovos muitas vezes tranca as galinhas dentro de gaiolas minúsculas (HARARI, 2017, p. 352).

A partir desse trecho é possível se perguntar que impulsos e desejos humanos, subjetivos, inegociáveis, inalienáveis estão sendo calados pelo impulso transumano, dito objetivo, pautado em um progresso econômico que, *a priori*, traria uma modernização e, conseqüentemente, uma melhoria no bem-estar da sociedade? Qual é o custo dessa armadilha?

Harari, ao prosseguir com a questão dos animais sendo tratados como mercadorias, se aproxima de nosso debate: “Tratar criaturas vivas que têm mundos

emocionais complexos como se elas fossem máquinas tende a lhes causar não só desconforto físico como também grande estresse social e frustração psicológica” (HARARI, 2017, p. 353). A partir daí, me aproximo da hipótese do signo febril como porta de acesso a uma subjetividade que não está à venda e, portanto, não colonizável. Este espaço se coloca em risco de extinção no atrito com o aspecto signo febril da própria aceleração vertiginosa e alcance das demandas mercantilistas.

Enquanto o signo febril, instaurado pelo fragmento de Benjamin, atuaria como um sintoma na ordem de uma vida que solaparia certas subjetividades não comerciáveis, o signo febril problematizado enquanto louvor à aceleração e à máquina (a demanda de intensa modernização de todos os setores da vida) se apresenta como a patologia em si.

Todo projeto de dominação a outro ser vivo se ampara na defesa de que este outro ser é menos *humano*, ou menos dotado da capacidade de sentir dor. Os que aprovam aquele tratamento nos animais não por acaso “muitas vezes argumentam que tais animais realmente pouco se diferem de máquinas, desprovidos de sensações e emoções, incapazes de sofrer” (HARARI, 2017, p. 353). Nesse sentido, o risco de fazer o corpo humano assumir o funcionamento de uma máquina estaria em viabilizar formas inéditas de colonização.

Mas não estamos mais pensando em espaços físicos e materiais, estamos lidando com um embate de forças no campo do imaginário e, nesse sentido, a semântica assume significativa relevância nessa discussão. “O consumismo trabalhou duro, com a ajuda da psicologia popular (‘Just do it!’) para convencer as pessoas de que a indulgência é algo bom, ao passo que a frugalidade significa auto-opressão” (HARARI, 2017, p. 358). Ao tornar certos limites tênues e nebulosos de categorias norteadoras daquilo que é ou não permitido fazer com outro ser humano, arriscamos adentrar em uma lógica que desconsidere barreiras éticas, antes não questionadas, que permeiam o discurso do dever e do direito, da liberdade e da opressão, da escolha e da ordem.

O que parece estar em jogo nesta dinâmica do apagamento do humano e a soberania da eficiência maquinal são da ordem do imaginário. Desse modo, o automatismo de um hábito e o fazer autômato adquirem aqui a função de engrenagem de uma máquina. O que poderia advir dos excessos da marcha implacável do progresso e do louvor da mecanização é a criação de uma narrativa. Um discurso com

o poder de fazer desaparecer a legitimidade das necessidades humanas a favor da autoindulgência, da mecanização, da disponibilidade absoluta, agora confundidas como necessidade legítima de todo cidadão do futuro.

Anexo. Quarentena dos Ilhados

*Sob a solidão
uma luz repousa
ciente de seu uso
ele ergue os braços e olha a tela
ele vê a cena
mas não vê a si
ele abre os braços
e mergulha*

3

Ora furiosa, ora amortecida

3.1.

Convulsão Febril

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
 Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
 Para a beleza disto totalmente
 desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
 Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
 Em fúria fora e dentro de mim
 (Ode Triunfal, Fernando Pessoa).

Foi em 20 de fevereiro de 1909 que Filippo Tommaso Marinetti, poeta italiano, publicou no jornal francês “Le Figaro” o Manifesto Futurista, buscando romper com antigas formas e modelos rígidos acadêmicos e para isso, deixando registrados os onze mandamentos para o Movimento em ascensão. O Futurismo pregava a proximidade da arte com a realidade, focando inclusive na velocidade em que a vida urbana adquiriu com a disseminação das máquinas.

Desse modo, para se libertar da prisão dos valores clássicos, aqueles poetas revolucionários defendiam o lema de “palavras em liberdade”. Um dos textos do Futurismo Português, considerado o mais simbólico e icônico do Movimento foi a Ode Triunfal, que celebrava o dinamismo da máquina e o desprezo pelas regras do passado.

Logo na primeira estrofe do poema, é possível notar a presença do sétimo mandamento do Movimento, que dita “não há beleza, a não ser na luta”, exemplificando o esforço e a labuta do fazer do poema pela parte do poeta, o que também não deixa de ser sintomático de uma filosofia que viria a desembocar na valorização da promessa do lucro e na intensificação da competitividade entre os pares.

A presença da insônia febril e da exaltação da máquina também parece

profetizar os efeitos do capitalismo tardio anotados pelos pesquisadores contemporâneos do modelo econômico, dentre deles, o já conhecido à pesquisa, Jonathan Crary. Afinal, o sono passaria a representar um inimigo em potencial da lógica futurista, uma natural barreira a seu funcionamento integral: “O sono é uma afirmação irracional e intolerável de que não é irrestrita a compatibilidade de seres vivos com as forças supostamente irresistíveis da modernização” (CRARY 2014, p. 23).

Além disso, o famoso “r-r-r-r” responde ao lema do Movimento Futurista a pregar “palavras em liberdade” e se ao passo tem como efeito chocar a sociedade burguesa da época, uma vez que esse mecanismo se afastava das expressões artísticas do momento, também introduz aqui a estreita relação que a forma da língua, a linguagem, possui com os intuítos de uma cultura, sejam esses libertários ou cerceadores. Tal observação ganhará novas camadas na seção posterior, que irá propor uma breve visita pelo cenário distópico para colocar em xeque alguns dos conceitos estudados até o momento.

Por ora, contudo, há três elementos no trecho do poema que são caros à reflexão. São eles: como uma língua se dobra para comportar certa ordem de vida, os espasmos como marca de um processo de delírio febril e a fúria que comparece aqui como desdobramento inegociável de um acúmulo de informações que precisa ser liberado.

O delírio febril marca a terceira seção do estudo da febre, em que vamos trabalhar com tal imagem em consonância com as dimensões febris ora amortecidas, ora furiosas. Não se trata, portanto, da primeira dimensão, do menino acamado que passa pela quarentena que a febre cobra e mergulha em um processo de aglutinação de sentidos, através de uma chave epifânica. Tampouco estamos na dimensão da quarentena pedida pelo indivíduo que se isola e através dos dispositivos da era midiática mergulha em furor pelo regime de imagens que os afastam de si, e dos outros. Estamos no delírio febril, que seguindo a teoria fisiológico-patológica, comparece aqui como a catarse de um processo de acúmulo de humores.

Segundo o site *Green Me*, a convulsão febril virou notícia quando curiosos fenômenos ocorreram em torno da reação. Trata-se de uma espécie de curto-circuito no sistema neurológico:

[...] quando a temperatura sobe muito rapidamente, por causa de algum agente invasor ou doença, e instala-se a febre, o sistema nervoso entra em desarmonia e daí surgem os sintomas convulsivos: descontrole dos músculos, como tremor, perda de consciência, arroxamento da face (por causa da perda parcial de oxigênio), dificuldade de respirar, virada de olhos, entre outros.¹¹

Como se pode ver, o processo de curto-circuito do delírio febril, em seu ápice, interrompe o processo de compreensão e reação de eventos enquanto se pretende organizar aquilo que não está em harmonia. A convulsão, tão silenciosa quanto imprevisível, poderia ser agravada por um acúmulo de reações gerado por estímulos luminosos.

Através do Portal de Notícias *Correio Braziliense*, o caso anda preocupando pais e especialistas do tema, uma vez que as crises agora podem ser “estimuladas por fatores externos, como a luz, formas geométricas, barulho, música, leitura e até privação do sono”. O que parece ocorrer é que o delírio febril se mostra como um sintoma, uma descarga de energia referente a um excesso e acúmulo de imagens e demandas, algo que o autor do livro *Sociedade Excitada*, Cristoph Türckle já havia proposto antes.

Vale lembrar que em seu livro, o pesquisador defende a ideia de que haveria um excesso de input de informações afetando pessoas a um nível neurológico, as colocando num regime de recebimento de fotos e informações que, conseqüentemente, teria por efeito obscurecer sua capacidade de resposta. O bombardeio das imagens e de informações na era digital não levou apenas um vício desses dispositivos, mas a uma incapacidade e letargia de responder a eles.

Nesse sentido, é interessante perceber como a explicação fisiológico-patológica parece acompanhar esse alerta de Türckle. Ainda de acordo com o *Correio Braziliense*¹², o episódio mais grave até hoje de casos como esse ocorreu no Japão, em meados de 1997, quando cerca de 700 crianças foram parar no hospital devido a crises convulsivas desencadeadas durante a exibição de um episódio do desenho animado Pokémon.

O alto estímulo das imagens e dos sons teria cobrado seu preço de forma

¹¹ Disponível em <https://www.greenme.com.br/viver/especial-criancas/5371-convulsao-febril>

¹² Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2010/05/12/interna_ciencia_saude,191919/convulsoes-provocadas-por-estimulos-luminosos-preocupam-pais-e-especialistas.shtml

sistêmica e com isso, atraiu a atenção da mídia. Se o caso se mostra curioso para pais, que agora tentam restringir o volume de horas que expõe os filhos à luminosidade ininterrupta dos tempos da era midiática e os especialistas do ramo médico, não devem causar surpresa alguma aos pesquisadores do capitalismo tardio que já havia alertado sobre os riscos de uma exposição ininterrupta a uma luminosidade. A novidade talvez só esteja em quão afinadas estão as esferas do discurso físico-patológico com os avisos desses estudiosos.

Ao falar dos danos desse entrecruzamento de espaços físicos e midiáticos, revisitamos o momento em que Crary chama atenção ao momento após em que o aparelho televisivo em sua ferocidade de informações, cor e brilho é desligado: “Há, inevitavelmente, um breve átimo *antes* que o mundo se recomponha por completo em sua familiaridade impensada e invisível.” (CRARY, 2014, p. 98).

Trata-se de um encontro de dois mundos: o brilho midiático em choque com a realidade física. Entre esse intervalo há um período de readaptação em que a natureza artificial se desintegra e a febre da velocidade de informação é substituída pela simples presença material:

É um momento de desorientação, durante o qual o ambiente que nos rodeia – por exemplo, uma sala e seus objetos – parece ao mesmo tempo vago e opressivo em sua materialidade desgastada pelo tempo, seu peso, sua vulnerabilidade ao estrago, mas também em sua resistência inflexível a desaparecer instantaneamente em um clique (CRARY, 2014, p. 98).

Jonathan Crary pontua acima tanto a efemeridade do virtual – que o põe em um local frágil – quanto a opacidade da realidade física. Ao nos apresentar a ilusão de um tempo sem espera e no trecho em particular, o autor entrevê o momento em que as cortinas se abrem, e o palco, permanece vazio. O que nasce desse ponto de fusão? “A experiência dessas transições só reforça nossa atração pelo primeiro estágio [o virtual] e amplifica a ilusão de que não temos nada a ver com a aparente tacanhez e insuficiência do mundo que compartilhamos” (CRARY, 2014, p. 98).

Na esteira desses diagnósticos, temos ainda Byung-Chul Han, autor dos livros *Sociedade do Cansaço* (2017), *Agonia do Eros* (2017) e *No Exame: Perspectivas do digital* (2018), que comenta acerca dessa disparidade entre as expectativas e realidades advindas do choque entre dois mundos. Na sessão em que vamos tratar das dimensões febris, amortecida e furiosa, é sintomático revisitarmos alguns dos

argumentos feitos por Han, em especial daqueles que dizem respeito das consequências da era digital em comportamentos coletivos.

Se em *Sociedade Excitada* (2010), de Türcle podemos ver também que há uma espécie de curto-circuito que prejudica a reação dos indivíduos à imersão de sensações que estão mergulhados, com Han percorremos pelos desdobramentos, particularmente nas esferas coletivas, desse curto-circuito. No início do seu último livro, ele lança a reflexão: “Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual” (HAN, 2018, p. 10).

Como essa imersão de sensações a uma velocidade e ritmo febril poderia afetar não mais a um nível individual, mas numa dimensão coletiva? Como as dimensões amortecida e furiosa se combinam e se revezam, na convulsão febril de um acesso coletivo às consequências de uma febre narrada até aqui?

Um ponto de partida se inicia por Charles Jacquard que, em sua dissertação de Mestrado intitulada *Imaginismo Onírico*, trabalha com pesquisadores do capitalismo tardio e investe numa escrita híbrida a dar conta do desafio proposto por esses estudiosos, a partir do reencontro com o sonho e do delírio.

Uma pesquisa cúmplice a essa não apenas pela afinidade dos temas trabalhados, pela sintonia bibliográfica, mas também pelo esforço em decodificar os códigos da era midiática e ler nas entrelinhas de sua dimensão ainda bastante misteriosa as pistas necessárias para se pintar um quadro diagnóstico: “Assim como o mar e a terra, o ciberespaço se consolidou como uma nova dimensão espacial, constituída por redes de satélites, mídias de vigilância e rastreamento interligados” (JACQUARD, 2018, p. 20).

Para Charles, esta dimensão inaugural, tributária do ciberespaço não é bem-vinda e deve ser analisada com ressalvas: “quanto mais se expande a dimensão ciberespaço, mais os possíveis são reduzidos” (p. 20). O trabalho aqui será investigar por que vias caminham esse cerceamento dos possíveis, e quais são as consequências para as aglomerações em conjunto, particularmente afeitas às dimensões febris da convulsão, ora amortecida e ora furiosa.

Em dado momento da pesquisa, Charles reflete nesses indivíduos submersos na era digital sob a figura de “um mar de ilhados” (p. 14). É com esta imagem que gostaria de abrir a investigação.

3.2.

Os ilhados e a colonização do imaginário

Em *1984*, a mais celebrada distopia de George Orwell, os personagens de Oceânia podiam ter todas as provas físicas de que a qualidade de vida ia de mal a pior, de que a manipulação da imprensa havia passado do ponto do inaceitável, de que os recursos estavam se esgotando, de que o Partido os impunha uma opressão absoluta. Mas havia algo que os submetia a esse regime sem que fosse possível uma reclamação. Tal como os ilhados estudados por Charles e Crary, Türcle e Han, o nado por uma utopia fabricada que desemboca num cenário distópico é patrocinado por uma eficiente narrativa.

O que as engrenagens de uma narrativa fabricada por um regime controlado aliado a um processo de imersão pode nos revelar sobre as dimensões ora amortecidas, ora enfurecidas dos moradores de Oceânica? Que aproximações são possíveis de traçar entre o curto-circuito febril coletivo na distopia de Orwell e a União das Subjetividades em plena era midiática? Seria possível observar certas correspondências no fenômeno da convulsão febril, que devido a um excesso de informações, solapa as defesas, as reações e até mesmo a visibilidade?

No retrato de *1984*, muito embora o protagonista Winston, funcionário do Departamento de Documentação perceba que a qualidade de vida da população não sofre melhoras, há uma força que repele a ação, mesmo de pensamento, e especialmente a de pensamento. Tal força é o que patrocina as investidas do governo, que se desmontam oportunidades de pensamento crítico mais e mais a cada dia. Tal força é que se pode entender pela colonização do imaginário. Mas quais são as estratégias dessa força? A que respondem esses impulsos? Quais são os indícios no romance dessa narrativa sendo construída, e se infiltrando pelas várias correntes e departamento da vida de um indivíduo?

Podemos começar pelo trabalho de Winston, que tem como missão alterar todo conteúdo publicado em qualquer tipo de literatura ou de documentação, com valor político ou ideológico. O protagonista, ao descrever suas atribuições diárias, isto é, reescrever notícias passadas para estarem de acordo com os discursos do Partido no momento atual, descreve também, inadvertidamente, as estratégias desse mesmo Partido em produzir uma narrativa satisfatória e elogiosa de si:

Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desse modo era possível comprovar com evidências documentais que todas as previsões feitas pelo Partido haviam sido acertadas; sendo que, simultaneamente, todo o vestígio de notícia ou manifestação de opinião conflitante com as necessidades do momento eram eliminados. A história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quantas fosse necessário (ORWELL, 2009, p. 54).

Para garantir que o passado pudesse ser, de fato, reescrito, a maior seção do Departamento de Documentação se ocupava de apagar os rastros e vestígios daquela edição da História, recolhendo todos os exemplares de livros, jornais e documentos que tivessem sido substituídos para que então pudessem ser eliminados. Sem provas de que o passado havia sido reescrito e sem referências a recorrer, o controle da realidade do Partido se fazia absoluto.

Ao reescrever o passado como forma de controlar o presente, o governo não media esforços para manter viva a crença de que a guerra estava sendo ganha, que eles estavam avançando e as coisas eram melhores do que no passado. Ainda assim, havia um inimigo natural do Partido, e ele está presente na prova palatável, no grande abismo do que os moradores de Oceânica vivenciam em suas próprias vidas e o que recebem das notícias:

Estatísticas fabulosas continuavam brotando na teletela. Em comparação com o ano anterior, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros e mais bebês - mais tudo, exceto enfermidade, crime e loucura (ORWELL, 2009, p. 76).

Apesar do intenso regime de vigilância, apesar da ameaçadora aparente onipresença do Grande Irmão, das letais punições aos rebeldes e a severa vigília entre os próprios moradores de Oceânia, nada disso impede que Winston comece a produzir um diário a tecer suas perplexidades e inquietações ao que experimenta em meio a essa ditadura. O abismo entre expectativa e realidade fica claro conforme se avança no romance e na investigação interna do próprio personagem:

Meditava irritado, sobre a textura física da vida. A vida teria sido sempre assim? A comida teria sempre tido aquele gosto? Percorreu a cantina com o olhar. (...) Colheres tortas, bandejas escalavradas, tigelas brancas grosseiras; todas as superfícies engorduradas, sujeira em cada rachadura; e um cheiro azedo que misturava gim de segunda, café de segunda, ensopado com gosto metálico e roupas sujas. O tempo todo, no estômago, na pele, havia uma espécie de protesto, uma sensação de logro: a sensação de que você havia sido despojado de alguma coisa que tinha o direito de possuir (ORWELL, 2009, p. 76).

Como dar nome a essa sensação, a esse algo que se sente ter direito de possuir, essa subjetividade que irrompe em meio a um discurso objetivista? Quando Charles diz em sua dissertação que “quanto mais se expande a dimensão ciberespaço, mais os possíveis são reduzidos” (JACQUARD, 2018, p. 20), de que possíveis estamos falando? Quais possibilidades estão sendo ameaçadas? A colonização do imaginário como pode observar em *1984* usurpa o possível a todo o momento que entra em cena.

Que zona irredutível é essa que desperta no indivíduo no momento que um direito vital está sendo tirado dele, mesmo não haja referências externas de que algo assim já existiu? Há algo que resiste, mesmo nos momentos de maiores opressões? Na doença, por exemplo, diria Virginia Woolf que:

[...] com a responsabilidade em resguardo e o entendimento temporariamente inativo - pois quem há de esperar que um inválido faça críticas, ou exigir bom senso do acamado? - outras preferências se afirmam; súbitas, intensas, impulsivas” (WOOLF, 2014, p. 196).

A doença, e a febre em especial, parece acenar aqui tal como a última chamada de um voo para o qual se esteve sempre atrasado. É a chamada da consciência de que algo muito decisivo ficou para trás, que algo que lhe foi tomado. O rastro que persiste daquilo que não percebeu ou daquilo que não falou. Não apenas é um chamado aos olhos e à escuta, mas à própria fala, interna e sem fidelidade alguma às demandas que normalmente cercam o indivíduo em sociedade.

Era a mesma coisa em todos os momentos que conseguia evocar com alguma acurácia: não havia comida suficiente, todas as meias e roupas de baixo estavam cheias de buracos, todos os móveis eram bambos e danificados, os aposentos mal aquecidos, o metrô superlotado, as casas caíam aos pedaços, o pão era escuro, o chá uma raridade, o café tinha um gosto asqueroso, os cigarros eram insuficientes - nada era barato e abundante, exceto o gim sintético. (...) Por que razão o indivíduos achariam aquilo intolerável se não tivesse algum tipo de memória ancestral de que um dia as coisas haviam sido diferentes? (ORWELL, 2009, p. 77).

Se se pode considerar o estado convalescente, visitado na primeira passagem da pesquisa, como um portal de acesso a essas reflexões insubordinadas aos comandos externos, seria forçoso admitir aqui igualmente a poderosa influência em

que se há na colonização do imaginário. Como esvaziar de tal modo o imaginário de um povo que seja permissível e até aceitável as circunstâncias vividas em *1984*?

Os pesquisadores do capitalismo tardio, na dimensão febril efervescente de telas e comandos intermináveis suspeitam que as exigências da era digital não seriam menos intransigentes que as da distopia de Orwell, pois do mesmo modo demandam o desmonte de toda a prática que não pudesse ser monetizada. Crary, que como vimos anteriormente, já havia alertado a ameaça de toda prática incompatível a ser incorporada na corrida pelo capital, vai ainda mais longe:

Um dos conhecimentos dos truísmos do pensamento crítico contemporâneo é que não existem características inalteráveis - nem mesmo morte, segundo aqueles que preveem que em breve estaremos transferindo os dados de nossa mente para uma forma digital de imortalidade (CRARY, 2014, p. 23).

No caso de *1984*, podemos observar duas estratégias do desmonte e manipulação da consciência e imaginação de uma sociedade. Ambas estariam em inviabilizar a memória coletiva ao direcionar o olhar e recriar uma narrativa. Isso fica claro na primeira estratégia de se impedir o pensamento crítico, a princípio de modo individual, pela criação de uma língua que trabalhasse pelo estreitamento da percepção e da reflexão, pois ao substituir a Velhafala, é perceptível que a “verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito de pensamento” (ORWELL, 2009, p. 68-69).

“No fim”, afirma Syme, um personagem de *1984*:

[...] teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo. Todo o conceito de que pudermos necessitar será expresso por apenas *uma* palavra, com significado rigidamente definido, e todos os seus significados subsidiários serão eliminados e esquecidos. (...) Menos e menos palavras a cada ano que passa, e a consciência com um alcance cada vez menor (ORWELL, 2009, p. 69).

Neste cenário distópico, seria a partir da aquisição da própria linguagem que o indivíduo já teria o primeiro contato com o estreitamento do pensamento, cerceado pelos limites do código da comunicação. Tal efeito se torna claro nas palavras de Judith Butler em *A vida psíquica do poder* (2017), ao formular “como o sujeito social é produzido através de meios linguísticos” (BUTLER, 2017, p. 13), se apoiando na

concepção do pensamento de Althusser.

Diante tamanha precariedade e opressão, seria frágil acreditar que uma população resistiria calada, sem sinais de rebelião ou sem ao menos apresentar ímpetos de agressividade. Tal como a convulsão febril atua como bomba-relógio passado determinado período de tempo de abusos ao sistema neurológico, ao ser invadido por um excesso de estímulos e sensações, a agressividade decorre também como um impulso natural e orgânico do corpo humano. O sintoma de catarse de liberação dos excessos do corpo que precisa, eventualmente, escapar pelos poros, é inclusive esperado e o Partido direciona essa energia, aos seus próprios interesses.

Nesse sentido, o medo e a agressividade adquirem papel fundamental aqui. Para onde iria a agressividade de um indivíduo ao ver-se submetido a um estado de miséria, solidão e controle? Como o Partido encontrou um jeito de aliviar essas pessoas de um sintoma febril que está prestes a chegar? Como evitar a convulsão febril de se chegar?

Sem evitá-la, apenas direcionando o uso dessa força, direcionando esse olhar. A agressividade faz parte de uma sociedade e como tal, o regime de controle consegue incorporá-la de modo a servir seus próprios interesses políticos e ideológicos. Não só eles usam de um momento para lançar toda a agressividade reprimida de uma população de forma controlada e segura como direciona a um inimigo em comum. O Partido acerta em estratégia ao não calar a agressividade de uma massa ora amortecida, ora enfurecida, mas sim lhe dirigindo o olhar numa prática diária conhecida como o Ódio:

O Ódio havia começado. Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgira na tela. Ouviram-se assobios em vários pontos da plateia. A mulher ruiva e franzina soltou um guincho em que medo e repugnância se fundiam. (...) A programação de Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o principal personagem era sempre Goldstein (ORWELL, 2009, p. 22).

E é justamente sobre agressividade reprimida que vamos trabalhar aqui, pois o preâmbulo das dimensões febris, enfurecida e amortecida, se mantém nesse frágil equilíbrio. Do mesmo modo que ocorre na convulsão febril, em que os estímulos são absorvidos até um nível máximo até que as barreiras de defesa sejam solapadas, o acesso de agressividade parece acompanhar o mesmo ritmo. O que jazia latente e submerso, subitamente irrompe pela epiderme e a agressividade não tem outra

escolha senão emergir em cena, em toda sua força bruta: “Não fazia nem meio minuto que o Ódio havia começado e metade das pessoas presentes no salão já começara a emitir exclamações incontroláveis de fúria” (ORWELL, 2009, p. 23).

A liberação da raiva que estivera acumulada naquela repressão implacável fora finalmente liberada e, como era de se esperar, em pouco tempo progrediu em intensidade: “Em seu segundo minuto, o Ódio virou desvario. As pessoas pulavam em seus lugares, gritando com toda a força de seus pulmões no esforço de afogar a exasperante voz estentórea que saía da tela” (ORWELL, 2009, p. 24).

Tão misteriosa e inexplicável quanto a convulsão febril nas reportagens que apresentavam pais preocupados ou ao curioso fenômeno envolvendo as setecentas crianças hospitalizadas depois de uma experiência cinematográfica que perturbou o balanço de seus sistemas neurológicos, a fúria reprimida encontra este momento para se fazer presente e se fazer notada, contagiosa e incontrolável:

O mais horrível dos Dois Minutos de Ódio não era o fato de a pessoa ser obrigada a desempenhar um papel, mas de ser impossível manter-se à margem. Depois de trinta segundos, já não era preciso fingir. Um êxtase horrendo de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar rostos com uma marreta, parecia circular pela plateia inteira como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra a sua vontade, em malucos a berrar, rostos deformados pela fúria (ORWELL, 2009, p. 25).

3.2.1. Depois da Febre

Passado o curto-circuito, tudo se acalma.
Quando a luminosidade cessa, e o ruído se faz oco.
.Passado o curto-circuito de uma euforia sem sentido e, esquecida
a catarse de umacúmulo que demanda ser vivido,
o acesso também se interrompe.
A vertigem e o delírio, os humores a ferver, peças que sempre estiveram ali
a formar a pequena máquina do desate que,
sem permissão para passar,
demove o corpo, demove a saúde e seus códigos.
Osintoma inegociável de uma febre. Mas há algo de curioso na cena.
Passada a agitação febril, o acamado já se restabelece.
Já não há mais raiva.

Esta, inclusive, dá lugar a uma indiferença profunda, uma sonolência
e a sempre previsível ausência de atenção.

Passado o curto-circuito, a roda vai voltar a girar.

Passado o curto-circuito, a engrenagem vai voltar se mover.

Passado o curto-circuito, a grande máquina volta a funcionar, vitoriosa.

Intacta.

Causa choque e surpresa o contraste de uma sociedade severamente controlada como é o caso de *1984* em toda sua expressão de fúria, no corriqueiro ritual coletivo chamado Ódio. Mais surpreendente e perturbador ainda é a apatia a que são devolvidos os moradores de Oceânica quando o momento acaba. Passada a catarse, as pessoas retomam aos seus afazeres e seus pontos de origem:

A Sra. Jones pega o seu trem. O sr. Smith conserta o seu motor. As vacas são levadas ao curral para a ordenha. Há homens reformando o telhado. Há cachorros latindo. As gralhas, que formam uma rede ao subir, em rede despencam sobre os ulmeiros. A onda de vida se arroja infatigavelmente (WOOLF, 2014, p. 193).

A passagem de Woolf marca sua anotação do ritmo corriqueiro da vida, ilustração que reflete um percurso semelhante dos habitantes de *1984*. A comoção de uma agressividade não fora suficiente para criar qualquer impulso de mudança política, quando direcionada a um inimigo em comum num movimento estratégico do Partido. A respeito dessa manipulação, que ainda pode ser amplamente observada nos dias atuais, fora das páginas da ficção, Charles Jacquard, reforça como “instrumentalizando uma nova dimensão espaço-temporal caracterizada pelas mídias onipresentes de rede mundial, as forças do capital organizam esta máquina de construção simbólica, notadamente a grande produtora de riqueza deste sistema” (JACQUARD, 2018, p. 14).

Charles fala aqui da colonização do imaginário que submete os olhares dos indivíduos de uma sociedade. Perceber como a “colonização da vida que estreita o vislumbre de outros possíveis” (JACQUARD, 2018, p. 13), pode nos fazer refletir nesses corpos em transe, nesses corpos que se debatem, o que está em jogo?

Nesse sentido, cabe-se perguntar quais são as semelhanças com o mar de ilhados, citados por Charles, com os indivíduos da era midiática. Quando seus corpos emergem à superfície, o que é possível ver? O que eles nos mostram? Charles oferece

uma hipótese: “o que está em jogo são a disputa e a captura de atenção que forjam um processo de docilização e controle dos corpos/subjetividades” (JACQUARD, 2018, p. 13).

Num debater-se de corpos em procissão, numa convulsão febril incendiada pela imersão de imagens e luz, num pesadelo de brilho e cor, nesse nadar de sonho americano que patrocina, em falsas conexões e atordoados, um nado desesperado e febril pela utopia que vai desembocar numa ilha, me parece que, de fato, o nome de ilhados nunca coube tão bem com o fenômeno ocorrido.

Mas enquanto o regime de controle pelo Partido de 1984 é vencido pela chave da distopia e essas são a engrenagem que alimentam essa grande máquina distópica: o medo da Guerra, o ódio por um inimigo em comum, o que vamos observar na próxima sessão é uma máquina que trabalha com o impulso libidinoso e pela colonização dos desejos: a promessa do lucro, a gratificação imediata, a validação do próprio indivíduo. Trata-se de uma força invisível e por isso, muito mais difícil de ser quebrada e em alguns casos, até mesmo percebida.

Seja pela ameaça de uma punição ou pela promessa de uma recompensa, existe manipulação dos dois lados e o campo do imaginário é por onde o jogo começa: “É então o campo das disputas dos imaginários que elejo para iniciar este trajeto de investigação” (JACQUARD, 2018, p.16). Contudo, a chave da dominação pela utopia se torna ainda mais silenciosa que a chave distópica e, conseqüentemente, menos perceptível. A narrativa que advém dessa colonização do imaginário sedimenta as bases e atua como a engrenagem principal de uma máquina que continua a girar.

É pelo nado de uma utopia prometida que somos levados à chegada a uma ilha distópica. No filme *Capitalismo: uma história de amor* é dito que pelo sonho que 95% dos americanos continuam trabalhando e lutando, pela promessa de que um dia possam ser eles os audaciosos 5% que gozaram de todo o privilégio.

Mas a que responde essa narrativa e como ela atua em um nível coletivo? O que ocorre com esses corpos em transe e em trânsito, que se chocam? Como essa narrativa se revela numa epidemia coletiva? Como isso pode ser observado pelos pensadores do capitalismo tardio? Enxames que emergem numa convulsão febril.

3.3. Os enxames

Corpos em transe, corpos em trânsito.
 O inferno são os outros. O inferno sou eu.
 A alteridade está de férias. A alteridade não entra na ilha.
 O mar dos ilhados, eles perderam a sua casa. Mas a água ferve, ferve em vingança febril. A casca que lhe foi prometida começa a ruir e a casa que lhe foi prometida não vem mais. Alguém disse.
 Quem disse? Já não o sei,
 se corpos ilhados em transe em trânsito desovam numa ilha olha não mais ilha mas o problema é
 que nunca houve ilha nunca houve uma
 quero a velha utopia de ares febris tragam-me as máquinas de volta tragam-me a máquina de crer
 aquilo que a utopia me prometeu porque é claro ela prometeu algo e quando não vem quando não
 vemo enxame vai ter que nascer, esse conjunto de corpos que sob o lodo se debatem têm o direito a
 uma resposta, o menino berlinense que sob a sua cama espera a chegada da febre não poderia esperar
 e o indivíduo em quarentena em sua tela não poderia esperar e aquele que se afoga no mar dos
 ilhados não poderia nem saberia nem nunca soube o que é como poderia como se pode alguém
 esperar porque só agora descobriu
 que a ilha não
 vem a ilha é uma promessa que gosta de prometer mas as promessas de 95% precisam de um 5 pra
 manter viva a mentira é que eu queria que ela vivesse eu queria que ela respirasse mas a febre levou a
 mentira embora a febre a matou a febre levou a saúde e já não sei quem sou eu sem ela sem a saúde na
 minha boca eu já não sei como falar e só o que restou foram os golfos de um ou cem indivíduos de uma
 ilha sem rei e que miséria é essa de não se imaginar rei pelo direito de me imaginar rei quero o direito
 de seguir me afogando pelo direito de nadar pelo direito de ser corpos,
 corpos em transe, corpos em trânsito.
 O inferno são os outros. O inferno sou eu.
 A alteridade está de férias. O outro não entra na ilha.
 O outro não entra na ilha.
 O outro não entra na ilha.
 O outro não entra.

A pequena visita em 1984 nos levou por uma sociedade ilhada, em colapso pelo estreitamento de pensamento que seu governo lhe impõe. Enquanto a ameaça de uma punição mantém os moradores de Oceania em um regime de controle e vigília, o que parece ser causa do aprisionamento e do colapso entre as aglomerações da era midiática estão em razões menos distópicas e sombrias, e mais na ilusão de um cenário luminoso utópico. Em vez de uma língua que produza o estreitamento do

pensamento, tem-se uma dimensão temporal que produz não uma limitação, mas uma abertura perigosa beirando à alucinação do infinito: “24/7 anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença” (CRARY, 2014, p. 39).

Somada à chamada alucinação da presença, há também um componente que o germano-coreano Han nos chama atenção em *Agonia do Eros* (2017). Uma das consequências de uma sociedade narcisista, em que tudo teria sido nivelado e transformado em objeto de consumo, estaria na exclusão da alteridade. A chegada do outro seria uma ameaça, pois “no inferno do igual, a chegada do outro atópico pode tomar uma forma apocalíptica” (HAN, 2017, p. 11). Isso vai se tornar ainda mais notado na análise de Han nas aglomerações coletivas das eras midiáticas.

Han, que por sua vez segue pegadas de autores como Karl Marx e Michel Foucault, defende que estaria no excesso de positividade, não de negatividade a razão do colapso observado nessas aglomerações no “inferno do igual, que vai igualando cada dez mais a sociedade atual” (HAN, 2017, p. 8). Uma das explicações oferecidas pelo pesquisador é que “nivelamos tudo ao *igual*, porque perdemos de vista justamente a experiência da *atopia* do outro. A negatividade do outro *atópico* se retrai frente ao consumismo” (HAN, 2017, p. 9). O excesso de positividade criou-se uma ilusão, uma alucinação do infinito.

Gustave Le Bon, autor de *Psicologia das Massas* (1895), ao ver o legado da ordem da soberania ruir, acredita que “a voz do povo conseguiu a preponderância” (HAN, 2018, p. 25). Embora o pesquisador coreano, a princípio concorde com Le Bon e conceda que de fato a “formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania”, aponta uma acentuada diferença entre o tradicional conceito de massas e a então nova massa da era midiática, cunhado por ele como enxame.

Tal divergência se explica na mudança no comportamento dos indivíduos dessas aglomerações. Enquanto o “ninguém do meio de massas (...) não reivindica nenhuma atenção para si mesmo” (HAN, 2018, p.28), o enxame digital, consistiria em contrapartida, em indivíduos singularizados e, portanto, sem um senso de coletividade impresso em sua natureza. Não seria uma união de subjetividades que se unem por um objetivo em comum, como é o caso do Ódio em 1984 que tem como missão reunir a agressividade do coletivo para servir aos interesses do Partido

tampouco um fenômeno histórico como as Diretas Já (1983-1984), movimento civil de reivindicação por eleições presenciais. Trata-se, sobretudo, de um grupo de indivíduos singularizados que se unem por um objetivo em comum.

Tais indivíduos que se unem nos tempos atuais não possuiriam um perfil próprio. São, em outras palavras, um: “aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao exame digital” (HAN, 2018, p.27). E justamente porque individualizados nesse sentido, os exames com suas comoções não são capazes de emergir como uma mudança política. Formam-se antes uma ameaça sintomática do próprio sistema que os formou.

Segundo Han, o “exame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*” (HAN, 2018, p. 27).

Segundo McLuhan, o *homo eletronicus* é um ser humano de massa, pois:

O ser humano de massa é o habitante eletrônico do globo e ligado ao mesmo tempo com todos os outros seres humanos, como se ele fosse um espectador em um estádio global. Assim como o espectador em um estágio é um ninguém, o cidadão eletrônico é um ser humano cuja identidade privada foi psicologicamente dissolvida por meio da solicitação excessiva (HAN APUD MCLUHAN).

Em relação à dissolução de identidade, Judith Butler em *A Vida Psíquica do Poder: Teorias da Sujeição* (2017) afirma que “o poder que a princípio aparece como externo, imposto ao sujeito, que o pressiona à subordinação, assume uma forma psíquica que constitui a identidade pessoal do sujeito” (BUTLER, 2017, p. 11). Butler percorre em seu livro as consequências das formas externas do poder que se incorporam no campo psíquico do indivíduo, de modo por muitas vezes imperceptível.

Contudo, segundo Han, o *homo digitalis* é tudo menos um ninguém e essa incorporação do discurso do poder se dá de forma pouco ingênua. Ele defende que sua identidade é preservada, mesmo quando se comporta como parte do exame. Enquanto o homem digitalis seria alguém que “se externa, de fato, de maneira anônima”, por outro lado, “via de regra tem um *perfil* e trabalha ininterruptamente

em sua otimização” (HAN, 2018, p. 28). Podemos chamar tal fenômeno de subjetividade inventada ou ficcionalizada.

O *homo digitalis*, longe de ser “ninguém”, ele é “um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção” (HAN, 2018, p. 28). Em outras palavras, é um alguém menos refém e mais cúmplice do discurso do qual se outorga, e certamente menos ingênuo que o indivíduo da então chamada massa na Sociedade do Espetáculo.

A respeito do assunto, Blanchot combina em suas notas a temática da alucinação da presença juntamente com o legado que o anônimo gera. O rosto da multidão “sempre viu tudo, mas não testemunha nada; ele sabe tudo, mas não pode responder por isso, não por covardia, mas por ligeireza e por não estar realmente lá” (BLANCHOT, 2017, p. 242). Em dado momento, o indivíduo contemporâneo não é aquele que apenas assiste, mas que fala.

Esse é o lugar do anônimo e seu produto, o rumor: o lugar “onde tudo é dito, tudo é ouvido, incessante e interminavelmente, sem que nada se afirme, sem que haja resposta a nada” (BLANCHOT, 2007, p. 242). Todo esse fenômeno trabalha a serviço de um movimento de despolitização, pontua Blanchot e Jonathan Crary também identifica tal fenômeno na explosão midiática. “A vida cotidiana não tem mais relevância política – resiste apenas como simulação oca de sua antiga substancialidade” (CRARY, 2014, p. 83).

Há um momento que Charles em sua dissertação fala que “é essencial fabricar grupos de intercessores” (JACQUARD, 2018, p.16) para enfrentar a problemática da despolitização das era midiática e que para isso, as artes se mostram norteadoras uma vez que estas “engendram justamente a presença do eu, mas não de uma identidade individual estável e sim de um composto capaz de produzir pensamento, singularidade” (JACQUARD, 2018, p.16).

Quão distantes estão esses intercessores do enxame relatado por Han? Os enxames digitais não são nem a massa analisada por Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*, tampouco seria essa União de Subjetividades, este grupo de intercessores que se faz necessário hoje de intervir num imaginário ainda severamente colonizado.

Anexo

*sem o peso da
luz quero só o
brilho de
corpos
que se afogam
juntos*

*sempre pra outro
mar sempre em
outro porto há uma
porta
pronta pra me receber*

.

*o
palpita
r de
ondas
em pele febril
mas me afogar eu não me
afogo eu nado*

*sempre pra outro
mar sempre em
outro porto há uma
porta
pronta pra me receber*

4

Conclusão

4.1.

Máquina e engrenagens

Como anunciado na Introdução, a febre foi uma porta de entrada para esta pesquisa. Ao fim do percurso, concluo que foi também o ponto de partida de um trabalho investigativo que me convidou à criação de uma máquina sintomática que pede agora pelo seu desmonte.

A chave epifânica do encontro com *maladie*, promovida passagem do menino berlinense de Walter Benjamin, deflagrou o gatilho inicial. A hipótese primeira era de que estaria no sintoma da febre a possibilidade desse espaço de reflexão, de uma chave de releitura, de outra qualidade de olhar. Ou, para utilizar o termo da pesquisa, um convite a redimensionar certas instâncias de pensamento.

Diante das dimensões febris iniciais, que se dividiam entre a morosidade e a efervescência, uma curiosidade provocou uma série de inquietações: o que o sintoma da febre parecia eclodir? Haveria uma explicação para o elogio dessa dimensão de repouso, dessa retirada estratégica de uma filosofia de vida mercantilista, exposta pelos pensadores do capitalismo tardio? O que estas outras instâncias do pensamento, até então adormecidas, poderia nos fazer ver e por que era de alguma relevância escrever sobre isso?

Com Jonathan Crary, foi possível perceber no sono e na imaginação manobras ao resgate de uma subjetividade que nos capacitaria a pensar fora das estratégias da reificação do capital, enquanto que em Christoph Türckle, Byung-Chul Han e nos demais teóricos do capitalismo tardio nos foi elucidado como essas mesmas estradas se encontravam solapadas pelo próprio desejo do capital. O impulso libidinoso, que entra em cena desde o primeiro capítulo, se apresentava como engrenagem central da máquina da colonização do imaginário.

O forte apelo ao capital e a ordem sedutora de seus afetos abriram-se como primeira barreira natural das potencialidades criadoras de cada indivíduo. Durante a análise do filme *Medianeras*, o personagem Martín faz uma tentativa de resgate a

essa dimensão da subjetividade ao tirar fotos de seu cotidiano, num esforço de se reconhecer em meio ao solapar de imagens e estímulos da era digital. A esse movimento chamo *Zona Irredutível*.

Contudo, foi observado que os limites borrados entre a subjetividade produzida pelo indivíduo e aquela gerada pelas próprias engrenagens da colonização do imaginário na era midiática geram um preço. Segundo Maurizio Lazzarato (2014), quando o próprio sistema econômico impõe certo modelo de subjetividade, que nos interpela a uma sujeição social, há uma dissolução da própria individualidade:

[...] mas a produção do sujeito individuado vai de par com um processo completamente diferente, e por uma posse de subjetividade também completamente diferente, que procede através da dessubjetivação. A servidão maquínica desmantela o sujeito individuado (LAZZARATO, 2014, p. 17).

A pauta do apagamento das subjetividades próprias assumiu função central no segundo capítulo, em que se buscou trabalhar contra o desmantelamento do processo do indivíduo em meio aos dispositivos da sujeição social e da servidão maquínica. Para isso, a ideia era não desmantelar o sujeito individualizado como a servidão maquínica faria, mas desmantelar a própria máquina, ao tornar visíveis suas engrenagens pelas demandas de eficiência cobradas pelo impulso transumano.

Tais demandas nos conduziram a um dilema: ao mesmo tempo em que pareciam exigir do indivíduo a atuação de um consumidor infatigável, colocando sua própria subjetividade à venda e em jogo, havia também a cobrança de uma atuação eficiente beirando o comportamento de uma máquina. Enquanto Lazzarato descreve como os dispositivos de controle da subjetividade funcionam, os pesquisadores do capitalismo tardio alertam que o compartilhamento das experiências, inserido num modelo de mídias sociais, estaria fadado a sempre repousar numa inevitável dimensão de troca comercial, sendo impossível escapar dos regimes de autopromoção e mercado.

Contudo, havia exemplos concretos de que uma série da chamada *União das Subjetividades* poderia se formar nesses mesmos círculos, desafiando e resistindo a tais demandas, calcada na missão de fazer das mídias sociais também um instrumento de embate político. A intenção de trazer para a cena tais exemplos, ainda que inseridos na máquina, foi de conceder um aspecto otimista à pesquisa que sofreu um retrocesso pessimista no terceiro capítulo. No ápice das consequências brutais da

manipulação de massa inseridas na colonização do imaginário, a cena do romance distópico *1984* espalharam os movimentos “Shitstorms” que o pesquisador Byung-Chul Han (2010) havia chamado atenção, pelos meandros das dimensões enfurecidas e amortecidas dos enxames febris.

A chegada de um *Solo Comum* é onde encerro hoje o percurso. A possibilidade de uma fala coletiva apresenta, para que não ceda aos excessos dos enxames digitais, sua face dinâmica, transitória e limitada. Outra forma de enxergar esse processo de transição estaria nas palavras do rabino Nilton Bonder, em seu livro *Alma Imoral: Tradição e Traição através dos tempos* (1998).

4.2. Desmonte

O ser humano se fez o mais vestido e o mais nu dos animais.

Nilton Bonder

Em seu livro, Bonder tece comentários a respeito da tradição e da traição como forças a se completarem e se mobilizarem ao longo da atualização de costumes em sociedade. Sua visão defende a ideia de que a tradição só poderia ser renovada a partir da mão da traição, que trabalharia pela expansão de uma consciência menos submersa em camadas. A traição, por assim dizer, seria o ato de se desfazer de certas exigências, e de colocar em questão sua real necessidade: “Toda moral, toda tradição, toda religião e toda a lei são produtos do corpo moral, de um animal moral. E toda a sociedade está voltada para “vestir” a nudez do ser humano” (BONDER, 2013, p. 15).

Bonder argumenta em seu livro a defesa de uma capacidade transgressora capaz de pôr em xeque certas camadas sociais, naturalizadas. Uma capacidade transgressora que revitalizaria discussões esquecidas no curso do tempo e traz à superfície uma qualidade igualmente transgressora, semelhante da trazida pela febre quando o menino berlinense, acamado em seu quarto, teve acesso a outra percepção de ordens de vida até então silenciadas, como as camadas sociais invisíveis que atravessavam seu cotidiano. Uma qualidade igualmente transgressora quando Deleuze indica em seu *ABCedário* (1996) que a saúde fraca promove um tipo de escuta, aguça e oferece uma visão da vida. Mas como então gozar dos benefícios secundários da doença? Ao afirmar que a doença o libera de muita coisa, Deleuze

propõe uma quebra de expectativa. Como usar a doença para ser livre?

Impossível aqui descolar das palavras de Virginia Woolf em “Sobre estar doente”, em que aborda sobre a qualidade da doença de nos desnudar de certas demandas sociais. A doença, tal como um grande confessor, e a febre foi um acentuado exemplo disso, teria a capacidade de retirar do indivíduo verdades inconfessáveis, pois seria um espaço fora da respeitabilidade da saúde. Se fizermos um paralelo com a obra *Fedro*, de Platão, poderíamos pensar que não foi por acaso que Sócrates precisa ser levado para fora dos muros da cidade para que Fedro possa comentar os discursos de Lísias e tratar de assuntos que não seriam permitidos dentro dos limites da respeitabilidade vigente.

Porém, na colonização do imaginário, esses espaços não são mais físicos, mas de outra ordem. As chamadas dimensões dão pistas da sutileza e do risco com que os discursos são hoje atravessados, de sentido e lógica que estabelecem seu domínio por canais cada vez mais desenvolvidos e, conseqüentemente, invisibilizados. A febre, como sintoma e procedimento se ocupa de abrir o campo do olhar a essas forças invisíveis e as traz para luz em um exame mais atento. A febre, como sintoma desnudo de quem vestiu roupas demais, poderia ser entendida como uma consciência de transgressão, a habilitar o acesso a uma zona irreduzível da colonização dos desejos mercantilistas. Transgressão essa que, segundo Bonder, seria inerente à própria natureza humana: “Antes mesmo de conhecer a consciência e de se perceber nu, ou seja, um animal moral, o ser humano deparou com uma dimensão de si capaz de transgredir e provavelmente projetada para isso” (BONDER, 2013, p. 15).

Segundo o rabino, o curso dos tempos seria equilibrado por duas forças opostas. A tradição, que precisaria ser quebrada por um espírito transgressor e a traição, que através dessa ruptura, renova a própria tradição. Seguindo por esse raio de raciocínio, o signo febril atuaria como sintoma de uma sociedade que viveria sempre na possibilidade do lucro no futuro sem perceber o custo no passado e no presente a esse impulso libidinoso que não descansa jamais.

O estudo nasceu do desejo de analisar as consequências desse tipo de força quando se coloca sob o jugo de uma filosofia mercantilista insaciável. Depois da consolidação de uma tradição, seria necessário rompê-la. Depois de apresentar a máquina, é preciso quebrá-la e seu desmonte está justamente em abrir as portas para

uma traição que precisa chegar e para que o processo possa se reconstruir, e as formas cristalizadas possam circular mais uma vez.

A febre, em sua chave epifânica, em sua descoberta de outras subjetividades desconvidadas à ordem vigente, serviu de diminuto ponto de partida para deixar uma porta aberta, para que a traição, as verdades desaconselháveis, as subjetividades corruptivas pudessem passar. Finalizo aqui com um trecho de Virginia Woolf que sumariza todo este percurso: “Que prados e precipícios salpicados de flores latejantes um pequeno aumento de temperatura faz ver?” (WOOLF, 2014, p. 184).

Do Porto meu, 6 de março de 2019.

Você sabia que por causa da adrenalina seu corpo em situações de risco consegue te enganar da dor por horas, de modo que você possa continuar vivendo sua vida sem perceber que tem uma faca em sua nuca? Parece que seu próprio corpo te protege da dor para te salvar. É só depois que grande parte do perigo passou que você cai em si e percebe o que aconteceu.

Um caso desses foi noticiado em março de 2010, quando uma americana de 62 anos foi fazer compras sem perceber que havia uma faca em sua nuca. Passaram horas até que os funcionários do estabelecimento decidiram lhe participar do ocorrido.

Meu corpo conseguiu me enganar depois da primeira notícia de seu infarto.

Meu corpo me enganou quando ouvi o médico dizendo que estava prestes a entrar numa cirurgia de alto risco e precisava preparar a família.

Meu corpo me enganou na segunda visita quando outro médico comentou que além dos dois infartos, teríamos que nos preocupar com a infecção pulmonar.

Mas foi no meio de um café, quando tomava água, que meu corpo decidiu não me enganar mais.

Ali estava. A faca na nuca que passei pelas últimas horas, desavisada.

Ali estava, Maladie acenando outra vez pelo corredor, e batendo em minha porta.

Ali estava. E eu havia dito que da próxima vez eu a deixaria passar.

Rangendo os dentes, abro a portinhola e deixo que ela entre.

Agora é comigo.

C.

5.

Referência Bibliográfica

- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas, Vol I. Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. "A Febre". In: **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900/** Walter Benjamin; edição e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2: a experiência limite/Maurice Blanchot;** tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.
- BONDER, N. **A alma imoral: traição e tradição através dos tempos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: Teorias da Sujeição.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CORREIO BRAZILIENSE. "Convulsões provocadas por estímulos luminosos preocupam pais e especialistas". 2010. Disponível em:
https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2010/05/12/interna_ciencia_saude,191919/convulsoes-provocadas-por-estimulos-luminosos-preocupam-pais-e-especialistas.shtml
- CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** Jonathan Crary. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. [1967].
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Tradução: Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O Que Vemos, O que nos Olha.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- _____. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo horizonte: Editora UFMG, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: urna introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução de Waltensir Dutra.
- FERREIRA, Cíntia. "Convulsão febril: o que é, o que fazer e quando se preocupar". 2017. Disponível em:
<https://www.greenme.com.br/viver/especial-criancas/5371-convulsao-febril>
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.
- GONZALES, Suillan Miguez. "A presença do Febril em 'Ode Triunfal' e 'Ode ao Burguês'" **Revista de Letras,** São Paulo, p. 59-72.

- GONÇALVES, Amanda. **Ciberativismo: Uma Visão da Teoria Crítica de Relações Internacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Faculdade de Relações Internacionais) – Grupo Ibmec Educacional, 2013.
- HAN, Byung-Chul. **A Agonia de Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- _____. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre, LePM Editora, 2017.
- JACQUARD, Charles Philippe; Coelho, Frederico de Oliveira (Orientador). **Imaginismo Onírico**: uma cartografia pela paisagem de mundos. Rio de Janeiro, 2018.
- JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.
- LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições SESC; n-1 edições, 2014.
- MILÊNIO: “Jonathan Crary analisa os riscos da vida hiperconectada”. Entrevistador: Jorge Pontual. Direção: Eugenia Moreyra. Produção: Simone Delgado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZTKC4Ij6Olc> Acesso em: 06/2017.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.
- PESSOA, Fernando. **Heróstatos e a busca da Imortalidade**. Exantas, 2001.
- SALLA, Thiago Mio. “Interlúdio Eufórico E Fragmentação Do “Eu”: Aproximações E Distanciamentos Entre A “Ode Triunfal” De Álvaro De Campos e as Teses Futuristas de Marinetti”. **Revista Desassossego**, 4(8), 64-75.
- STUDART, Júlia. **Imagem, deriva e dança**. In: Gratuita. Volume 1. Belo Horizonte, Lisboa. Chão de Feira. 2012.
- TÜRCKE, Cristoph. **Filosofia do sonho**. Ijuí: Editora Ijuí, 2010.
- VIVÈS, Jean-Michel. “O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional; tradução de Robson Dutra”. **O MARRARE** - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, nº 11, 2009, p. 65-74. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero11/pdfs/robson.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**: Virginia Woolf. Tradução e organização: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- _____. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

5.2. REFERÊNCIA AUDIOVISUAL

BOUTANG, Pierre-André. **L'abécédaire de Gilles Deleuze**. França, 1996.

TARETTO, Gustavo. **Medianeras**. Argentina, 2011.

MOORE, Michael. **Capitalismo: uma história de amor**. Canadá, 2009.